

@Verdade



RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela



www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 26 de Abril de 2013 • Venda Proibida • Edição Nº 233 • Ano 5 • Fundador: Erik Charas



ALER TAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

/JornalVerdade

Email: averdademz@gmail.com

@Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.

Editorial

averdademz@gmail.com

Insensível

Mido Macia morreu de forma cruel, bruta, torpe e vil, mas não nos lembramos de uma mensagem de condolências à família, do Chefe de Estado, pelo desaparecimento físico do único garante da sua sobrevivência. Também morreu um chapeiro no T3 fruto da acção perniciosa da Polícia da República de Moçambique e o Presidente da República de Moçambique permaneceu quieto e mudo.

Uma análise isenta manda dizer que não é obrigação do PR pronunciar-se em situações desta natureza. Em nenhuma cartilha de governação está escrito que Guebuza devia prestar apoio moral às famílias das vítimas.

Aliás, o Governo não se circunscreve à figura do Chefe de Estado. E seria, da nossa parte, absurdo afirmar que o Executivo liderado por Guebuza não se fez representar. Afirmá-lo, assim sem reservas, seria o mesmo que abraçar de forma eloquente a insensatez. Algo que, diga-se, não é nosso objectivo.

Ao longo da semana morreram dois ícones da música moçambicana, dois redutos da nossa história: Mhula e Lídia Mate. O Presidente da República, mais uma vez, não se pronunciou. Não que seja obrigado, mas julgamos – ainda no campo da moral – que estes dois embaixadores da nossa cultura mereciam uma palavra de apreço pelo que deram ao país e ao mundo.

Contudo, Armando Emilio Guebuza optou por mandar uma mensagem de condolências para o povo chinês em honra das vítimas do sismo. Uma tragédia em toda medida que ceifou vidas e deixou um país de luto, mas ninguém pode provar que Guebuza tinha a mínima obrigação de se solidarizar com o povo chinês. Ainda que se possa dizer, que em sede das Relações Internacionais, o seu acto seja legítimo. Até porque há investimentos gigantescos da China em Moçambique que é preciso salvar.

No entanto, a mesma solidariedade que presta aos estrangeiros devia dedicar ao seu povo. A morte de Mido Macia, de todos modos, exigia uma mensagem vibrante do Chefe de Estado. A mesma, é certo, não devolveria a vida do moçambicano morto brutalmente por agentes da Polícia sul-africana, mas mostraria um Presidente da República preocupado com o seu povo.

A morte de Mhula e de Mate também precisam de ser objecto da solidariedade do PR. Os defensores dos actos de Guebuza dirão, quando lerem o texto, que o PR não precisa de ser o centro do Governo. Dirão, também, que o exercício de Governar não se esgota no PR e que os membros do Executivo estiveram presentes nos casos de Mido Macie. Dirão que o Ministério da Cultura enviou um comunicado aos órgãos de informação para mostrar o seu pesar pelo desaparecimento físico de uma parte da nossa vida cultural.

A esses defensores é preciso responder que quando se trata das Presidências Abertas, as quais são tidas como gastos irresponsáveis do dinheiro público, eles defendem que o PR precisa de entrar em contacto com o seu povo. Precisa de auscultar as populações e medir in loco o pulsar das acções do Governo. Dirão que nenhum distrito pode ficar privado do convívio do PR.

E que tal se o PR pensasse do mesmo jeito quando concidadãos morrem de forma macabra no país vizinho? Que tal se Guebuza pensasse, também, que a morte de Mido Macia merecia atenção porque o acto, em si, chocou a opinião pública e todo moçambicano que se preze? Aquela morte, diga-se, foi um golpe no estômago da nossa dignidade enquanto povo.

Que pena termos um PR que não sabe disso...

Boqueirão da Verdade

“Se Moçambique é pobre; se o Estado moçambicano “não tem riqueza para redistribuir...”, porque existem tantos querendo “assaltar” posições electivas do Estado e Governo moçambicanos? O normal era que os moçambicanos cultivassem uma aversão visceral a posições do Estado por serem tão menos pagos e fossem atraídos pelo sector privado ou trabalhos por conta própria, mais compensadores”,
Egídio Vaz

“Um país ‘sem riqueza para redistribuir’ é um país onde funcionários do Estado e Governo usufruem benefícios proporcionais à condição do país, o que logicamente levaria a que estes cargos fossem disputados apenas por pessoas menos laboriosas ou eventualmente por pessoas de caridade. Porém, não é esta a experiência de Moçambique”,
Idem

“Olhando para a maneira como o Sr. Presidente, Armando Guebuza, está a dirigir este país é possível verificar que ele é, na verdade, um visionário, mas um visionário diferente. Ora vejamos, desde que ele entrou na presidência, o nosso país tende a ter mudanças profundas. Parece que conseguiu fazer com que os moçambicanos passassem a resolver os seus próprios problemas de pobreza, obrigando-os a terem de cuidar da sua própria vida e também a fazerem aquilo que o Governo deveria fazer, ou mesmo a ficarem inertes à falta de cumprimento das suas obrigações”,
Ernesto Nhanale

“Agora a Frelimo está a fazer a pré-campanha eleitoral para as próximas eleições, estão a torrar o dinheiro do povo em Presidências Abertas, ... Para organizar o 10º Congresso alugaram todos os hotéis da província de Cabo Delgado e nem havia quartos para os turistas. Depois dizem que é o dinheiro da Frelimo, quando na verdade é do povo. O dinheiro que pagamos em impostos para onde é canalizado? Agora vão dizer que o salário não pode aumentar muito como nos anos anteriores porque o país esteve em cheias. Acham isto justo? Quanto dinheiro se gasta nas Presidências Abertas?”,
Sérgio Power

“Num país onde prevalecem os laços familiares, tribais, partidários no aparelho do Estado, e onde a noção da honestidade não é suficientemente forte, as práticas de corrupção têm mais sucesso. Por isso, a transparência nunca conheceu o valor real de sistema político que visa servir o povo e satisfazer as suas necessidades. Pelo contrário, tem estado a ser usada para servir um grupo de indivíduos, sob a bandeira de partido político”,
Gaby Lomongo

OBITUÁRIO:

Lídia Mate
1968 – 2013 • 45 anos



A fundadora da banda feminina Likute, Lídia Sthembile Mate, perdeu a vida na madrugada do dia 20 de Abril, no Hospital Central de Maputo, vítima de doença. Com a sua morte, a banda Likute, fundada em 2006, ficou reduzida a três membros, nomeadamente Tinoca Zimba, Nguilozy Aleixa e Neia Naene.

Em certa ocasião, falando sobre a colectividade, a finada explicou que “a Likute é o resultado da acção das mulheres que tinham um sonho em comum: edificar uma banda feminina no país. Elas foram muito corajosas. Não podemos deixar de referir isso. Foi necessário, como ainda é, que houvesse muita coragem. Muitas portas fecharam-se-nos. Muitas palavras de desencorajamento emitiram-se”.

“Em Moçambique, os verdadeiros músicos – aqueles que fazem música tocada e não produzida no computador – não têm trabalhos discográficos. A maioria dos que possuem um disco no mercado é constituída por aqueles que num dia apenas podem gravar 20 músicas”.

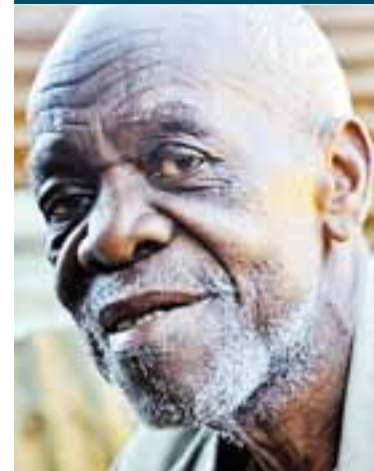
A banda Likute é composta por pessoas originárias de algumas partes do norte e do sul do país, que procuram nas suas composições fundir instrumentos musicais de todo o país, explorar o changana, o swahili, o macua, o makonde, entre outros idiomas nacionais. É deste modo que a referida colectividade artística constitui a metáfora do nosso país. “Somos a imagem da unidade nacional”, defendiam em conjunto.

Lídia Mate é originária de Maputo. Nasceu no dia 03 de Março de 1968. Era casada e mãe de dois filhos. Iniciou a sua carreira artística como bailarina da Companhia Nacional de Canto e Dança. A cantora sofria de hipertensão.

O seu funeral foi realizado na quarta-feira, 24 de Abril, no Cemitério de Lhanguene em Maputo.

OBITUÁRIO:

Alberto Mhula
1934 – 2013 • 79 anos



Faleceu na tarde da segunda-feira, 22 de Abril, Alberto Mhula, um dos artistas mais representativos da Marrabenta e fundador do Conjunto Manjacaziano, no Hospital Geral José Macamo, em Maputo, onde se encontrava internado.

Nascido a 01 de Dezembro de 1934, no distrito de Manjacaze, localidade de Chaguala, Alberto Mhula fez a 3ª classe do sistema colonial na Escola da Imaculada Conceição de Mavengane. A par de outros companheiros da música, participou no processo da criação da União Moçambicana da Cultura Musical e Teatral, em 1950.

Foi fundador e líder do Conjunto Manjacaziano, a banda que toma esse nome em homenagem à sua terra natal, o distrito de Manjacaze, na província de Gaza. O seu pendor pela música, com destaque para sua afeição em relação à guitarra, começa e expor-se em 1943, mas só em 1950 gravou as suas primeiras músicas, nas Produções 1001, na Rádio Moçambique.

Durante a sua carreira, gravou vários temas musicais nas editoras Orion e J&B Recording, que já não existem ou não operam na gravação musical, incluindo a Vidisco Moçambique. Em 2010 foi laureado na categoria de Prémio Carreira pelo programa Ngoma Moçambique produzido pela Rádio Moçambique.

Alberto Mhula, o Manjacaziano, como também era chamado na arena musical, é o autor da célebre frase “a Marrabenta não pode morrer sem a gente estar”, popularizada no Festival Marrabenta.

O seu último concerto foi realizado em Fevereiro, no Centro Cultural Franco-Moçambicano, no âmbito do Festival Marrabenta de que é um dos fundadores. Moçambique perde, em Alberto Mhula, um dos fundadores e precursores da música Marrabenta. Paz à sua alma!

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Paulo Zucula

O Ministério dos Transportes e Comunicações atingiu, “há séculos”, o limite do que podemos chamar de incapacidade para criar um sistema de transportes que sirva os moçambicanos. Numa carreira de autodestruição, o ministério tutelado por Paulo Zucula arrasta os moçambicanos para a lama, desde as vias de acesso aos veículos que transportam moçambicanos como gado. A ciência e a técnica foram literalmente substituídas pelo acaso, pelo fortuito, numa calamitosa sucessão de equívocos que transforma Zucula num autêntico Xiconhoca.

Numa atitude atávica, o Xiconhoca, na esteira da cultura bantu dos coitadinhos, canta os prejuízos, ignorando de todo em todo as evitáveis causas dos mesmos.

2. Luísa Consula

Existem determinados acontecimentos que só adquirem esta qualidade por força de circunstâncias que lhes são completamente alheias. Do género de que por si só não acontecem, apenas empurrados por uma associação de factores acabam por se assumir. De facto, o caso dos membros da Frelimo na Comissão Provincial de Eleições na Zambézia não fosse a insistência da imprensa local, sindicatos e leitores atentos relatando a dimensão da falcatura permaneceria no segredo dos diabos. A Comissão Nacional de Eleições é liderada por um Xiconhoca. A Comissão Provincial de Eleições, pelo menos na Zambézia, conta com uma Xiconhoca. Assim se faz política no país da democracia cor-de-rosa...

3. Leopoldo da Costa

A primeira declaração pública do presidente da Comissão Nacional de Eleições e candidato à sua própria sucessão, Leopoldo da Costa, em face da polémica envolvendo o seu nome, aponta para o sentido de que não haverá, da sua parte, o mínimo de bom senso. Quando Leopoldo diz que faz parte da sociedade civil e que foi proposto pela Organização Nacional de Professores mente como só um Xiconhoca o pode fazer. No mínimo, este anúncio concludente reflecte arrogância sem enquadramento mesmo nas mentes mais torpes. A razão de ser deste ponto de vista, que ora lançamos, resulta de que mesmo por via do senso comum e da boa educação a que todos somos obrigados, o assunto deveria ser apresentado com melhores fundamentos, capazes de, pelo menos, criar a convicção de algo que os moçambicanos, ainda que inconsolados, haveriam de aceitar. Xiconhoca.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

1. Nova Aliança para a Segurança Alimentar

Uma Xiconhoquice de bradar aos céus. O Executivo de Armando Emílio Guebuza meteu os pés pelas mãos ao aderir à Nova Aliança para a Segurança Alimentar. Abraçou um plano ignorando as anteriores políticas implementadas nos anos passados pelas mesmas agências multilaterais no país, mas que não trouxeram benefícios palpáveis. Por outro, acelerou a emissão de licenças que outorgam aos seus titulares o Direito de Uso e Aproveitamento de Terra (DUAT) sem, no entanto, consultar as comunidades porque quer promover o investimento de agro-negócios.

Organizações da sociedade civil receiam que em diferentes partes do território moçambicano aumente o número de camponeses que perdem as suas terras a favor de corporações estrangeiras. A firma Wambao Agriculture, da China, deixou, no distrito de Chókwê, oito mil habitantes, entre camponeses e pastores de gado, desapossados de 20 mil hectares de campos agrícolas. As populações sem espaço para seguir avante com a prática da agricultura são votadas a uma incerteza em relação à sua alimentação nos próximos tempos.

Segundo a ADECRU, uma organização da sociedade civil, a abordagem do plano apresentado pelo G8 não tem nada a ver com as necessidades dos Estados africanos ao partir de um pressuposto de que para se tirar milhões de pessoas da

fome e da insegurança alimentar é preciso apostar em companhias estrangeiras com capacidade de ocupar extensas áreas de terra, infelizmente, na posse de camponeses, na sua maioria do sector familiar. Estas multinacionais não produzem para alimentar a população, antes pelo contrário, estão interessadas nas exportações de cereais para os mercados japonês e asiático. O país passa a ter quantidades enormes de alimentos, mas não satisfazem o mercado nacional.

Em relação à pretensão de se tirar 50 milhões de africanos da fome nos próximos dez anos, Jeremias Vunjanhe disse que os números são estratégicos e têm sido usados para desviar as atenções do povo que sente na pele o problema da fome e da má nutrição.

2. Governo

A manifestação dos oleiros reassentados em Cateme, na terça-feira da semana passada, em protesto contra os valores das indemnizações pagas pela Vale, revela uma Xiconhoquice que tem à cabeça o Executivo de Armando Emílio Guebuza.

Os cidadãos, depois da Xiconhoquice do Governo, decidiram enveredar pela força, bloqueando o acesso principal à mina da Vale, colocaram pedras na estrada e mantiveram-se no local. Entretanto, os manifestantes aperceberam-se de que os trabalhadores da Vale estavam a usar um ingresso alternativo e mobilizaram-se

para impedir que tal acontecesse.

Os oleiros, que pernottaram no local, acabaram por ser dispersados pela Polícia e agentes da Força de Intervenção Rápida, que usou gás lacrimogénico e balas de borracha no princípio da noite da quarta-feira antepassada.

A Vale reagiu em comunicado e referiu que as indemnizações estavam pagas. “A Vale indemnizou, até 2012, 785 olarias, no valor total de 47.100.000,00 Mt. Os pagamentos foram feitos directamente aos beneficiários cadastrados”, lê-se no documento.

Este imbróglia surge na sequência da necessidade de ocupação da zona, onde os oleiros viviam e realizavam actividades visando o seu sustento, para a instalação da mina de carvão da Vale. Na altura foi negociada uma indemnização para cada um dos oleiros, que começou com uma proposta dos afectados de 1 milhão de meticais, seguido de uma contraproposta da Vale Moçambique de 120 mil meticais para cada um destes cidadãos que estavam a ser forçados a sair das suas terras em que não só residiam, mas também dela tiravam o alimento diário.

Entretanto, o Governo de Moçambique envolveu-se na negociação e decidiu que 120 mil meticais era um valor exorbitante e baixou para 90 mil meticais o montante da indemnização a ser paga pela Vale Moçambique. Eis a Xiconhoquice...

3. Presidência Aberta

É unânime que as Presidências Abertas representam um gasto dispendioso para o erário. Ainda assim, o Presidente da República insiste na sua manutenção. Os membros do Governo justificam a mesma alegando que Guebuza precisa de auscultar o povo que lidera. As desculpas, para legitimar as visitas, vão desde a falta de meios dos postos administrativos e distritais à impossibilidade de delegar poderes aos demais membros do Executivo. Dizem, também, que os críticos do regime usariam, no caso da eliminação das Presidências Abertas, esse facto para acusar o Presidente de insensibilidade.

Os nossos leitores, no entanto, julgam que Guebuza deveria abdicar das Presidências Abertas. No entanto, estão convictos de que o mais alto magistrado da Nação jamais abandonará esse modo de governação. Isso porque, dizem, as Presidências Abertas permitiram revitalizar o partido Frelimo. Ou seja, as visitas constantes de Guebuza ao coração do país devolveram ao partido no poder a credibilidade perdida no seio de uma população analfabeta que não tinha onde se agarrar.

A Frelimo, por via de Guebuza, dizem, percebeu que a forma de se manter no poder é conquistar a fidelidade do meio rural, uma vez que está cada vez mais difícil contar com o meio urbano. Portanto, o que se esconde por detrás da capa da Presidência Aberta é a manutenção da Frelimo no poder.

MINED reconhece que o currículo do ensino primário “embrutece” as crianças

Uma parte significativa de crianças do ensino primário nas escolas públicas moçambicanas não sabe ler, escrever, fazer a cópia, a redacção e tem lacunas no domínio da tabuada, supostamente porque estes aspectos não foram acautelados no actual currículo e os professores não têm conhecimentos sólidos das metodologias desenhadas para este nível. Quem assim o diz é o porta-voz do Ministério da Educação, Eurico Banze, que, para além de reconhecer que este problema é preocupante, afirma que enquanto persistir a existência de turmas numerosas, dificilmente os petizes poderão ultrapassar o défice de conhecimento. Enquanto isso, Felizardo Semente, do Departamento de Comunicação e Imagem da Organização Nacional de Professores (ONP), considera que o responsável por este aparente fiasco é o sistema todo que apresenta lacunas, desde o ano de 1983, e não apenas os pedagogos.

Texto: Redacção/Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Manguze

Para além do sentimento generalizado dos pais e encarregados de educação e de outros entendidos na matéria, sobre a deficiente qualidade do ensino e aprendizagem nos alunos das classes iniciais, o interlocutor do @Verdade indicou que as actuais condições em que os docentes leccionam também não permitem que haja o devido acompanhamento da progressão dos educandos durante as aulas. Para além dista situação, o actual modelo de formação de professores está desajustado dos actuais problemas e desafios da Educação.

Eurico Banze considera que o défice de leitura e escrita nas crianças é um problema conjuntural e reconhece que concorre para que este grupo enfrente dificuldades que têm deixado os pais e encarregados de educação agastados e apreensivos em relação ao futuro dos seus dependentes devido ao receio de não proporcionar ferramentas que lhes permitam enfrentar e superar as incertezas do futuro. A fonte indicou o dedo acusador aos docentes aos quais acusou de terem uma atitude passiva em relação à ligação permanente e metódica com os estudantes.

MINED reconhece alguns erros do actual currículo

Segundo Banze, os exercícios de leitura, escrita, cópia, ditado, redacção e tabuada não foram levados em conta na altura em que o Ministério desenhou o currículo em vigor no país, nem aquando da introdução do Sistema Nacional de Educação (SNE). Os programas de leitura e escrita implementados na 1ª e 2ª classes não foram percebidos e assumidos devidamente na sua íntegra do ponto de vista técnico por parte dos professores. Para o porta-voz do MINED, não basta ter um plano de ensino bem delineado, é preciso que haja domínio da sua génese e das metodologias traçadas para o alcance dos resultados almejados, sobretudo nas duas classes iniciais.

Algumas soluções

O nosso interlocutor afirmou que o precário estado em que a maior parte das escolas primárias funciona no país contribui para o défice de ensino, num quadro em que alguns exercícios práticos tais como o ditado e a composição escrita foram relegados para segundo plano. Os gestores escolares são também passivos em relação a este aspecto. O nosso entrevistado avançou algumas soluções, mas aparentemente paliativas para a dimensão dos problemas com que se debatem as crianças nas escolas, para ultrapassar os constrangimentos que também têm sido apontados como uma parte das reprovações em massa nas classes subsequentes, sobretudo nas que têm exames. O MINED,



disse Banze, começou a agir em duas componentes: primeiro, está a aprimorar os programas de leitura e escrita no primeiro ciclo, principalmente na 1ª e 2ª classe, com vista a torná-los mais claros e permitir que o professor tenha um domínio claro e metódico dos materiais usados. Paralelamente este trabalho, está a ser definida uma carga horária para o ensino da leitura e da escrita e para a redução do número de disciplinas das duas primeiras classes iniciais. A ideia da instituição que gere o ensino em Moçambique, de acordo com a nossa fonte, é passar a ter professores que se concentrem mais nas disciplinas fundamentais, nomeadamente a Língua Portuguesa, Matemática e Educação Física. A segunda componente está relacionada com a formação de professores orientados para a transmissão de competências aos alunos e a diminuição paulatina do elevado número de educandos nas turmas com vista a melhorar o processo de supervisão escolar que ainda é preocupante. Este aspecto, disse Banze, é indispensável para que o director de uma escola primária assuma o seu papel de gestor através do acompanhamento minucioso dos trabalhos dos docentes e da escolha dos mais experimentados para lidar com as crianças. O entrevistado pede aos pais e encarregados de educação para que colaborem disponibilizando os materiais de leitura e escrita aos seus filhos e os acompanhe neste exercício.

O sistema está a falhar desde 1983



O secretário do Departamento de Comunicação e Imagem na ONP, Felizardo Semente, disse que os problemas dos alunos do ensino primário no país começaram com a introdução do SNE, em 1983, porque a tabuada, cópia e redacção foram descartados. Este modelo veio também agravar a formação de professores que continua deficitária, não havendo material para as actividades práticas, por isso há um défice relativamente ao domínio das metodologias de ensino e aprendizagem.


Para o nosso interlocutor, a introdução da oralidade por meio de cartazes veio igualmente atrofiar a educação, deturpou todo o processo de instrução e acabou por contribuir para a sua depreciação paulatina. Enquanto isso, a imposição dos financiadores internacionais faz com que se introduzam modelos não adequados à nossa realidade, o que, para além de não contribuir para uma formação com qualidade, está a deformar os estudantes, uma vez que os alunos não passam de meros consumidores sem nenhum senso crítico. “Se os alunos apresentam graves problemas de leitura e escrita, o único culpado é o MINED porque é a instituição que elabora os planos de formação de professores sem manuais de manejo, por isso o resultado vai continuar a ser negativo e a consequência será o aumento de educandos que não sabem ler e escrever nas classes subsequentes”, disse Semente.




As passagens automáticas

Algumas correntes de opinião e os pais e encarregados de educação têm afirmado que as passagens automáticas por ciclos no ensino primário estão a definhir as crianças. Entretanto, o Governo já veio a público afirmar que este modelo de transição de uma classe para outra vai continuar, apesar de ser muito criticado por alegadamente ter vindo a causar um mau aproveitamento, uma vez que um número significativo de petizes não sabe escrever o seu próprio nome. Nos termos do actual modelo de instrução primária, segundo o Governo, os alunos são submetidos a exame na 2ª classe, que é o primeiro ciclo, na 5ª classe, segundo ciclo, e 7ª classe, terceiro ciclo, transitando automaticamente nas classes intermédias supostamente porque estão em processo de consolidação das competências. Para o Executivo, esta forma de progressão por ciclos de aprendizagem, bastante contestada, permitiu que muitas crianças moçambicanas tivessem acesso à escola, pois a transição automática gera a disponibilidade de mais vagas. Em 2011, por exemplo, cerca de seis milhões de alunos no ensino primário beneficiaram do modelo em causa, contra os cerca de três milhões que naquele ano o país teria a assistir às aulas se fosse mantido o sistema anterior.

Previsão do Tempo

Sexta-feira	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado a limpo. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu geralmente muito nublado com períodos de chuvas com trovoadas locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado rodando para nordeste.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste fraco a moderado. Vento de sueste a leste fraco a moderado.

Sábado	
Zona SUL	
	Céu geralmente pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidades de ocorrências de Chuviscos dispersos. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas dispersas principalmente nas províncias de Cabo Delgado e Nampula. Vento de sueste fraco a moderado.

Domingo	
Zona SUL	
	Céu geralmente limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco a moderado
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado com períodos de limpo. Possibilidades de ocorrência de neblinas ou nevoeiros locais. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas locais ao longo da faixa costeira. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia	

Publicidade

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

@Verdade Online: www.verdade.co.mz

Diga-nos quem é o

XICONHOCA



Envie-nos um SMS para 821111

E-Mail para averdademz@gmail.com

ou escreva no Mural do Povo

REPROVAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

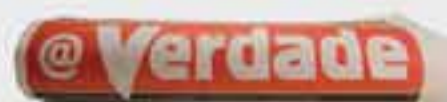
☎ SMS: 90440

☎ WhatsApp: 84 399 8634

📘 /JornalVerdade

✉ Email: averdademz@gmail.com

🌐 @Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.

Assaltantes ferem um jovem a catana em Nicoadala

Dois malfeitores, ainda a monte, invadiram a residência de uma família no distrito de Nicoadala, na província central da Zambézia, na qual, para além de roubar valores e outros bens tais como telemóveis e electrodomésticos, feriram a catana no braço esquerdo um jovem de 29 anos de idade, identificado pelo nome de Aldo Xavier, que em consequência deste ataque foi suturado com 15 pontos.

Texto: Redacção • Foto: Aldo Xavier

A vítima, que vive no bairro Mola naquele distrito, explicou ao @Verdade, telefonicamente, que o assalto ocorreu por volta de uma hora de madrugada do dia 02 de Abril em curso, numa altura em que a família estava a dormir. De repente, a cunhada de Aldo Xavier, que estava a passar a noite na sala, ouviu um ruído estranho e procurou saber o que é que estava a acontecer. Foi nesse momento, que ficou de caras com os supostos ladrões munidos de armas brancas, nomeadamente catanas e facas.

Segundo o nosso entrevistado, que suspeita de que, para além do grupo que o agrediu, do lado de fora havia outros elementos, a irmã da sua esposa ficou assustada e



correu para o quarto onde os cônjuges dormiam. Aldo levantou-se da cama e caminhou em direcção à sala da sua casa, e caiu nas mãos dos assaltantes porque teria tentado contrariar as suas exigências. “Exigiram que a família entregasse todos os montantes que tinha, e desferiram o primeiro golpe de catana no meu braço esquerdo. Pela segunda vez atingiram-me com gravidade, recolheram os telemóveis e outros aparelhos e puseram-se em fuga”, narrou a fonte.

Depois da agressão, o jovem dirigiu-se à esquadra local com a finalidade de comunicar a ocorrência, porém, os agentes da Polícia, que se encontravam a dormir, sugeriram que voltasse num outro dia para abrir um auto. “Apenas prometeram que iam patrulhar o bairro mas nada disso fizeram até hoje.”

Perante o mau atendimento dos membros da Lei e Ordem, na mesma madrugada, o nosso interlocutor procurou por atendimento médico no Hospital Distrital de Nicoadala, onde foi suturado e recebeu uma guia de transferência para o Hospital Provincial de Quelimane.

Entretanto, Aldo mostrou-se indignado com a atitude da Polícia alegadamente porque no momento em que pediu ajuda não teve um acompanhamento satisfatório. Por via disso, desde o dia em que o assalto se deu não contactou a corporação no sentido de instaurar um processo que levasse a uma investigação e esclarecimento do caso.

Aliás, informou-nos de que no mesmo dia em que sofreu a agressão, outras cinco pessoas foram assaltadas e três compatriotas perderam a vida. Tratou-se de uma operação na qual houve uma troca de tiros entre supostos meliantes e alguns membros da Polícia. Esta, localmente, é acusada de envolvimento com quadrilhas de criminosos. Em Nicoadala há muita criminalidade mas as autoridades são inoperante, não obstante ser o lugar onde se encontra a base da Força de Intervenção Rápida (FIR) naquela parcela do território moçambicano. “Não há paz”, desabafou a fonte.

Publicidade

COMUNICADO

A Vale informa que retomou as conversações com os representantes das comunidades dos oleiros de Moatize, sob o envolvimento do Governo.

O objectivo é buscar soluções conjuntas e desenvolver iniciativas de incremento de produção e renda, no nível micro-empresarial, que permitirão a integração dos oleiros nessas actividades.

A Vale reafirma o seu profundo respeito ao direito que o cidadão tem de expressar suas opiniões, pacificamente, e está sempre aberta a conversar com a sociedade.

A Vale mantém o compromisso em contribuir com acções para garantir o desenvolvimento integrado sustentável das comunidades nos ambientes onde actua, incluindo a indústria de fabricação de Tijolos em Moatize.

Podridão da mandioca deixa população de Niaro com receio de fome

Os camponeses do povoado de Niaro, a 15 quilómetros da cidade de Nampula, produziram uma quantidade significativa de mandioca, porém, está a apodrecer nas suas machambas devido à acção nefasta, desde o ano passado, de alguns agentes biológicos responsáveis pela deterioração severa deste tipo de cultura, que constitui a principal base de alimentação da população local. Por via desta situação, mais de 500 famílias residentes naquela pequena localidade do território moçambicano receiam passar fome nos próximos dias caso não haja medidas no sentido de resolver o problema que tende a alastrar-se.

Texto & Foto: Redacção/Sérgio Fernando



Refira-se que alguns agentes, dos mais comuns, que causam a putrefacção radicular da mandioca são o *Phytophthora* spp (normalmente ataca a cultura na fase adulta), o *Fusarium solani* (os sintomas podem ocorrer em qualquer estado do desenvolvimento da planta e raramente originam danos directos às raízes) e o *Pythium sclerotium* (provoca danos mais acentuados nos plantios de mandioca em áreas sujeitas a encharcamentos).

Segundo os agricultores, apesar de habitualmente se obter uma produção em quantidades consideráveis, desde o ano passado regista-se uma redução assinalável, facto que abre espaço para a eclosão de bolsas de fome, uma vez que os excedentes são insuficientes para alimentar os seus agregados familiares de uma época agrícola para a outra.

De 2010 a esta parte, colher entre cinco e 10 sacos de mandioca de 50 quilogramas tem sido difícil mesmo quando a área cultivada é extensa. Na campanha 2011/2012, o apodrecimento da raiz desta planta usada na alimentação e da qual se extrai uma fécula nutritiva com que se faz a tapioca começou a ganhar contornos alarmantes, por isso a safra não ultrapassa os três sacos de 50 quilos.

Ancha Ramos, de 35 anos de idade, possui uma porção de terra estimada em um hectare, na qual produz diversos produtos tais como amendoim, feijão e mandioca. Normalmente, caminha seis horas para chegar à sua machamba, mas considera que o esforço empreendido está a ser insignificante na medida em que o que colhe nos últimos tempos já não é suficiente para garantir o sustento da sua família, pelo menos por um período de sete a oito meses.

“Estamos mal devido à podridão da mandioca, as folhas das plantas ficam afectadas pela doença e não servem para preparar caril, para além de que a própria mandioca é amarga”, disse a nossa fonte.

Neste momento, a mandioca consumida em Niaro é conhecida, em língua Emakua, por “Nassuruma”, “Nammuishi”, “Mpova Takua”, dentre outras variedades que são consideradas bastante amargas e prejudiciais à saúde do Homem, uma vez que supostamente provocam doenças tais como hérnia e paralisia.

A nossa interlocutora disse que tem conhecimentos sólidos sobre a rotação de culturas, em particular de estacas daquele tubérculo, no sentido de evitar a sua deterioração, mas não pode arriscar a fazê-lo sem antes ouvir a opinião dos técnicos do sector agrícola, os quais ainda não se pronunciaram sobre o assunto.

A nossa Reportagem constatou que no povoado de Niaro a população transforma a raiz desta planta usada na alimentação em farinha, cujo processamento é feito com recurso a meios tradicionais e inadequados devido à ausência de fábricas de moagem, facto que em parte é originado por falta de energia eléctrica.

Natália Manuel, também residente de Niaro, narrou que no ano passado acumulou prejuízos na medida em que mais de metade da safra colhida estava deteriorada. A partir dessa altura começou a enfrentar dificuldades para alimentar a sua família que não tem nenhuma outra fonte de rendimento senão a actividade agrícola. Neste contexto, pede que o sector da agricultura faça alguma coisa para resolver o problema e forneça variedades de estacas de mandioca tolerantes à podridão.

Alternativas para contornar a fome

Devido aos prejuízos decorrentes desta actividade, alguns camponeses recorrem ao comércio informal de lenha, carvão vegetal, capim, amendoim, entre outros bens, como forma de se prevenirem de uma eventual crise alimentar. Os rendimentos são aplicados essencialmente em dois produtos básicos que não podem faltar nos reservatórios domésticos: farinha de milho e arroz.

Ancha Ramos sai de casa em direcção ao centro da cidade por volta das três horas de madrugada e deixa dois filhos menores de idade. À cabeça leva a sua mercadoria e circula pelos principais mercados com o intuito de vender alguma coisa que permita comprar comida e material escolar para os seus dependentes. Desde 2011 que faz este trabalho. Entretanto, a nossa interlocutora afirmou que, não obstante as dificuldades com que a sua família se debate, não pode se queixar tanto porque o seu marido conseguiu arranjar uma ocupação numa empresa de construção civil.

Pedro Moçambique, também residente no povoado de Niaro, dedica-se à destilação de aguardente de fabrico caseiro há 10 anos, mas desde que a sua actividade agrícola passou a não ser rentável dedica mais tempo a este trabalho.

O régulo Niaro disse à nossa Reportagem que o problema de que os camponeses se queixam já é do conhecimento do governo local, incluindo o Instituto de Investigação Agrária de Moçambique. Contudo, felizmente, ainda não houve situações clamorosas em relação à fome resultante da podridão da mandioca nem óbitos em consequência do seu consumo.

Caros leitores

Pergunta à Tina... há problema com sexo bocal?

Olá leitores. Estamos a aprender umas coisas novas aqui na coluna. A semana passada eu ouvi falar de hipospádia... yuh?! E eu pensava que já tinha aprendido quase tudo. Para mim foi um sinal de que às vezes podemos ter anomalias físicas, que eventualmente nos prejudicam a saúde, mas que, porque não sentimos dor ou desconforto, não procuramos saber o que é. É como algumas infecções de transmissão sexual, muitas das quais não manifestam sintomas em nós. Por isso, por favor, usem o preservativo se têm relações casuais. Esta coluna é destinada a responder a perguntas sobre a saúde sexual e reprodutiva. Se quiserem saber mais,

enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina. Sou o Nelson. Eu e a minha amada gostamos de sexo bocal. É bom para a saúde?

Olá Nelson. Sexo bocal acho que é o mesmo que sexo oral. Bom, para poder responder à tua pergunta, terei que assumir que é a mesma coisa. O sexo, no geral, quando feito de forma segura, é sempre bom para saúde, e o sexo oral não é uma excepção. As culturas espirituais, ou religiões, têm as suas opiniões. Enquanto as religiões ocidentais recriminam, as culturas orientais aprovam e incentivam. É que o sexo é muito mais do que a penetração do órgão masculino no órgão feminino, e quem já descobriu não consegue deixar de fazê-lo. Mas, como disse, é necessário que tenhamos cuidado com a nossa saúde em qualquer dos casos. É importante que tanto tu como a tua amada sejam pessoas higiénicas, e que não tenham infecções de transmissão sexual, principalmente a hepatite B, Sífilis, Herpes Genital, dentre outras, pois o sexo oral é uma via de transmissão destas Infecções. Usar o preservativo durante o sexo oral também é importante. Por isso, cuidem-se sempre.

Olá Tina. Tudo bem? Eu estou bem. Chamo-me Catarina e estou grávida de 13 semanas. Há quase um mês sofro de sangramentos e dores abdominais fortes. Já fui ao hospital e a minha obstetra disse-me que o colo do meu útero estava fechado. Fiz a ecografia e felizmente o meu bebé estava presente e os movimentos fetais eram bem rápidos. Receitaram-me alguns comprimidos e já estou a medicar-me. Mas ainda não vi os resultados. Continuo com as dores e o sangramento. Estou a perder as esperanças em relação a essa gravidez. Já fui a muitos hospitais e já até pensei em interromper a gestação porque as dores são insuportáveis. Ajude-me.

Olá minha querida. O stress do sangramento durante a gravidez é real. Entretanto, a tua ansiedade pode exasperar-te ainda mais. Eu acho que tu devias ser mais pró-activa. Apesar da especialidade ser a mesma, os médicos têm experiências diferentes; mesmo que a tua médica te tenha dito que não se passa nada de grave, realmente é preocupante que continues a ter dores. Às vezes alguma coisa pode passar despercebida. Se eu fosse a ti, procurava outro/a médico/a para pedir uma segunda, terceira opinião por forma que eu me sentisse mais calma. Seria importante também procurares saber porque isso acontece; às vezes conhecer melhor o problema ajuda-nos a relaxar mais. Ao mesmo tempo, continua a tratar de ti, descansa bastante e evita actividades que possam ser violentas para o teu corpo. Que tudo te corra bem.

MozMed A plataforma virtual de saúde em Moçambique

Manda tuas questões através de SMS para **6640** ou Internet **http://mozmed.com/** e receba resposta dos especialistas de saúde e de outros cidadãos

Bibliotecas das escolas públicas em Nampula são transformadas em cantinas

Uma biblioteca escolar tem a função de combater a iliteracia e apoiar os utilizadores (alunos e professores) no acesso à informação para uma aprendizagem que desenvolva competências. Contudo, à semelhança do que acontece um pouco por todo o território moçambicano, a construção das escolas públicas da cidade de Nampula, sobretudo as secundárias, parece contrariar o pensamento de que o livro é indispensável para o crescimento intelectual do indivíduo, uma vez que não é acompanhada pela edificação de espaços onde os instruendos possam consultar e ler os manuais recomendados pelos seus docentes segundo os planos curriculares em vigor no país. Com a excepção das escolas secundárias de Nampula e Muatala, noutras instituições de ensino as livrarias são, paulatinamente, transformadas em cantinas e salas de informática, mas o acesso é restrito.

Texto: Redacção/Sérgio Fernando • Foto: Sérgio Fernando

A transformação de bibliotecas em refeitórios é um problema quase generalizado nos estabelecimentos de ensino da capital da província mais populosa de Moçambique. Nesta terça-feira, 23 de Abril, comemorou-se o Dia Mundial do Livro e dos Direitos Autorais. Na sua mensagem alusiva à efeméride, a diretora-geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Irina Bokova, destacou a importância da “cultura da palavra escrita” e o acesso a ela por parte de todos os indivíduos, homens, mulheres e crianças, no sentido de estimular o conhecimento.

Entretanto, em Nampula acontece o contrário: a promoção da leitura entre os jovens e as camadas menos favorecidas da população continua uma miragem, facto que se deve à ausência de planos para fazer face a esta lacuna. Na Escola Secundária de Namicopo, o lugar onde antigamente funcionava a biblioteca foi reabilitado e transformado em sala de informática, porém, os estudantes queixaram-se ao @Verdade de restrição no uso dos computadores para a realização de diversas tarefas curriculares. Enquanto isso, nas escolas secundárias de Nampaco, Marcelino dos Santos e Muatala, alguns os educandos manifestaram o seu agastamento em relação ao facto de recorrerem a livrarias privadas para aceder ao material didático.

Na biblioteca da Escola Secundária de Napipine os livros disponíveis não correspondem ao actual currículo que está a ser implementando no país, o que dá motivos para se pensar que o Governo fez a alteração dos programas de ensino sem ter em conta a aquisição dos respectivos manuais.



Os directores de algumas instituições, ouvidos pela nossa Reportagem, alegaram que não têm autorização para se pronunciar sobre a ausência e/ou “destruição” das bibliotecas dos estabelecimentos sob sua alçada. Por isso, remeteram-nos à Direcção Provincial da Educação e Cultura, onde também não foi possível obter esclarecimentos sobre o assunto.

Entretanto, apurámos que as direcções das outras escolas secundárias recém-construídas, como é o caso de Nampaco, Marcelino dos Santos, Barragem e Maparra encontram-se a estudar formas de construir espaços devidamente apetrechados destinados à leitura. Todavia, enquanto este projecto não se concretiza, os instruendos das escolas públicas em Nampula recorrem a bibliotecas privadas, onde, por vezes, não existem livros específicos para as matérias recomendadas pelos docentes.

“A maior parte dos leitores que recebemos com a finalidade de consultar os manuais que temos é das universidades”, afirmou um dos responsáveis de uma livraria da Paróquia da Santa Isabel, no bairro de Muahivire. Alguns estudantes das escolas secundárias de Nampaco, Marcelino dos Santos e Muatala disseram-nos que, devido às longas distâncias que tem que percorrer, tem sido difícil sair de uma escola que se encontra na periferia para o centro da urbe com o intuito de consultar um livro. Por causa deste suposto entrave há actividades de casa que não são feitas.

Januário Florindo frequenta a 10ª classe na Escola Secundária Marcelino dos Santos e afirmou que sempre que recebe um trabalho de pesquisa pede ajuda ao seu irmão que está na Universidade Pedagógica alegadamente porque na sua instituição há livros para o efeito. Para além deste interlocutor, vários educandos afirmaram que recorrer a terceiros para que estes os ajudem a realizar os seus deveres de casa.

Actualmente, o mundo está a um clique no computador, sem que seja necessário sair de casa. Os estudantes não precisam se deslocar até uma biblioteca para se informarem ou pesquisarem. Neste contexto, alguns instruendos disseram-nos que por ausência de livros recorrem à Internet para investigarem as matérias recomendadas pelos docentes, mas desembolsam algum valor para o efeito porque nas suas escolas ninguém os deixa usar os computadores.

Outros referiram que não têm condições para pagar sequer meia hora de consulta, por isso, apesar da distância que percorrem da zona suburbana para o centro da urbe, recorrem a livrarias particulares.

Sobre este aspecto, Amido Licanene, pai e encarregado de educação de um aluno que frequenta a 8ª classe na Escola Secundária 12 de Outubro, no bairro de Muhala-Expansão, arredores da cidade de Nampula, disse que não está contra o facto de haver estudantes que recorrem à Internet para fazer os trabalhos de casa ou de investigação recomendados pelos pedagogos, mas tem receio em relação à qualidade da informação obtida, uma vez que algumas fontes fornecem dados com um conteúdo duvidoso que carece de uma selecção escrupulosa.

Segundo o nosso interlocutor, a falta de livros nas bibliotecas das escolas públicas é um dos problemas que concorrem para que os educandos transitem de uma classe para a outra sem saber ler e escrever porque não há um domínio das matérias ministradas. Considerou ainda que os professores mostram também lacunas em relação aos conhecimentos que transmitem aos seus estudantes.

Para elucidar a sua exposição, a nossa fonte referiu, como exemplo, um caso de um professor da disciplina de Português, na Escola Secundária 12 de Outubro, que supostamente se expressa erradamente na sua língua de trabalho.

“Qual é o resultado que se pode esperar de um educando nesta situação?” questionou Licanene, que acrescentou que esta é uma dificuldade que se deve à má formação dos docentes.

Enquanto isso, outro encarregado de educação disse estar indignado com o facto de os professores usarem brochuras feitas a partir de apontamentos retirados da Internet ao invés de manuais, perante a passividade das direcções das escolas onde leccionam.

Os conteúdos dessa informação são literalmente transmitidos aos instruendos sem uma selecção meticulosa.

Há restrições no acesso às salas de informática

Os nossos interlocutores afirmaram que estão desapontados com o facto de o acesso às salas de informática ser autorizado apenas quando se trata de aulas da disciplina das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's).

Na sua opinião, devia haver permissão para que eles possam digitar os trabalhos, investigar e usar a Internet como forma de aperfeiçoar as suas habilidades no uso de meios informáticos.

Refira-se que os lugares em causa e as bibliotecas foram construídos à luz da responsabilidade social de algumas empresas, em particular, de telefonia móvel.

Publicidade

DESENVOLVER

A verdade em cada palavra.

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Sou um membro da Polícia da República de Moçambique (PRM) e gostaria, através do vosso meio de comunicação, de manifestar o meu descontentamento em relação aos descontos injustos efectuados pelos nossos superiores hierárquicos do Comando da Polícia a nível da cidade de Maputo nos montantes resultantes de pequenos serviços remunerados que fazemos nos tempos livres em algumas instalações privadas, tais como bancos e estabelecimentos comerciais.

Uma das coisas que mais nos preocupam é que não temos nenhum esclarecimento sobre este problema e as pessoas que fazem as deduções não pertencem aos nossos postos de trabalho.

Os biscates a que me refiro são feitos em empresas, tais como Mozabanco, Maputo Shopping Center, Fundo para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC), Sasseka, Casino Polana, dentre outras.

Algumas destas instalações desembolsam mensalmente 58 mil meticais para o Comando da Polícia da Cidade de Maputo, que, por sua vez, devia remunerar o agente da corporação que esteve em serviço 4.000 meticais ao invés dos 2.000 que têm sido dados pelo policiamento que faz.

Por exemplo, no posto a que estou afecto há no total 13

membros. Dos 58 mil meticais pagos pelo proprietário do estabelecimento, apenas 2.000 meticais é que são atribuídos ao agente e os 32 mil remanescentes ficam com o Comando da Cidade.

Para nós há um roubo porque, para além de incluir uma boa parte da quantia a que ainda temos direito, este valor vai para os bolsos dos nossos chefes que não conhecem os postos que policiamos e nem sequer sabem onde é que se localizam. Somos muitos os que estamos a ser vítimas desta falcaturia dos nossos superiores hierárquicos.

A inquietação é do conhecimento do comandante daquela unidade da Polícia da cidade de Maputo, mas desde que está ao corrente do assunto ainda não tomou nenhuma medida com vista a evitar esta injustiça.

Aliás, há morosidade no pagamento dos mesmos valores. Estamos cansados destas situações e agradecemos que alguém de direito fizesse alguma coisa para nos ajudar.

O nosso salário é bastante magro, por isso, quando nos roubam os montantes provenientes dos biscates que fazemos com muito sacrifício, os problemas por que passamos as nossas famílias agravam-se.

Resposta

Sobre o assunto, a nossa Reportagem ouviu o porta-voz do Comando da Polícia da República de Moçambique na cidade de Maputo, Arnaldo Chefo.

Este afirmou que a reclamação dos agentes que nos contactaram é legítima e está-se perante uma irregularidade punível.

Segundo Arnaldo Chefo, os agentes da Polícia supostamente lesados devem contactar as entidades que lidam com os casos de roubo e injustiça, no Comando da Cidade, no sentido de se responsabilizar os indivíduos que promovem tal ilegalidade.

A corporação não pactua com uma conduta que atenta contra os princípios de disciplina que norteiam a Polícia de Protecção.

Arnaldo Chefo disse que não se pode fazer nada enquanto os lesados não denunciarem e apresentarem evidências de modo a tomarem-se medidas, porque o sector que lida com policiamento tem normas que regem o seu funcionamento e o desconto de sete por cento que revertem a favor do Estado é uma delas para permitir que possam de-

envolver outras acções remuneráveis.

O porta-voz classificou ainda o assunto de preocupante, por isso, será analisado de forma pormenorizada logo que se comprovar que os seus colegas estão a ser alvos de um roubo nos montantes a que têm direito.

Contudo, as medidas são definidas de acordo com a especificidade de cada caso, pelo que é prematuro avançar prováveis sanções.

Quanto ao atraso no pagamento de aludidos valores, Chefo explicou que este problema só pode estar a acontecer à revelia do Comando da Cidade de Maputo, porque os agentes do policiamento às instalações privadas são pagos a tempo, a partir do momento em que o valor é desembolsado pela contraparte.

Alguma coisa está a falhar por parte dos responsáveis daquele sector da Polícia, “vamos trabalhar para evitar que a situação se repita”, prometeu o nosso interlocutor.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.

Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115.

A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Publicidade

NEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.



Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O Mamparra desta semana é o partido Frelimo em toda a sua extensão. Desde Guebuza, o topo, ao Amosse Macamo, fiel escudeiro, são todos mamparras, mas mamparras na pior acepção do termo. Só isso explica o silêncio ensurdecedor do partido do batuque e da maçaroca em relação aos seus membros que pretendem abocanhar lugares na Comissão Nacional de Eleições (CNE).

A Frelimo não pode brincar de democracia, embora esteja acostumada a ser o juiz o e jogador de uma partida cuja arbitragem devia pautar pela imparcialidade. O esquema que visa colocar Leopoldo na cadeira máxima da CNE é, de todos modos, vergonhoso. O facto de ter sido um jornal que defende, com unhas e dentes, a visão do regime e os seus atropelos é esclarecedor. Aliás, o jornal Domingo é merecedor do mesmo galardão. No entanto, o facto de ser um órgão de informação com vocação para veicular o orgasmo do regime isenta-lhe de qualquer espécie de responsabilidade.

A Frelimo é que, em última análise, devia receber tão prestigioso galardão. Os mamparras são eles. Esse jogo macabro com a democracia é disso um exemplo. Mamparras em todos sentidos.

Sentados à sombra de uma bananeira, com visão para uma capoeira de patos, retalham a democracia. Enquanto fumam um cachimbo avançam com o Leopoldo, outro mamparra. Depois de servirem a nossa dignidade numa bandeja cheia de piripiri, o nome de Leopoldo sai em formato de sociedade civil. Mamparras.

Como é que o jornal Domingo teve acesso aos dados que davam conta de que Leopoldo foi indicado pelo Sindicato Nacional dos Professores? A resposta, no reino dos mamparras, é fácil: saiu da sede do partido. Um acto de cobardes, de seres que não conseguem ser mais nada senão mamparras.

Basta deste tipo de mamparrices.

Mamparras, mamparras, mamparras.


Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!


Cidadania


 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO REPORTA: na ilha de Bazaruto onde residem cerca de 15 mil pessoas não existe Hospital


 **Marcia N. Horst** existe um posto de saúde precário, e dizer que Bazaruto tem 15 mil pessoas não é verdade desculpa...mas sim as condições do posto de saúde que lá existe são mínimas com quase nada.... **Gosto** · 1 · há 5 horas

 **Ivan José Eduardo Jawana Tembe** Nem dá pra reclamar, é dar murro em ponta de faca. Pior é quando não dá pra fazer nada. **Gosto** · 1 · há 4 horas


 **José Ussivane Moz** é só Mpt **Gosto** · 1 · há 4 horas


 **Pectínio Da Conceição Jeje Moz** é Maputo, xta claro... **Gosto** · 1 · há 4 horas

 **Raul Mente Negra Malimane** Esta é uma informação bastante triste.. Damn Moz é uma coisa. No meio de extrema pobreza não existem melhorias privilegiadas? Fuck g**buz! **Gosto** · 1 · há 5 horas

 **Arsenio Macuacua** O relatório de IDH xta certo, vive-se mal em Moçambique. há 6 horas


 **Inácia Finiche** É de lamentar.. há 4 horas


 **Selito Naverdade** Esse é o nosso governo há 4 horas


 **Bento Abilio Calieque** Que vergonha é isso! deveriam sentir, pena da população...porquê? Será que Moçambique não pode dar uma mão. que depreciação há 5 horas

 **José Vilas** Pessoal, não dramatizem a situação. Em Bazaruto, existe um POSTO de saúde na região de Zenguele e com condições mínimas para funcionar. Inclusive realiza-se partos nocturnos pois xta electrificada a painel solar. Conheço bem o arquipélago pois fiz uma pesquisa a 1 ano passado virada a área social.

Retificar que a Ilha de Bazaruto não tem 15 mil habitantes, ou porque não sabem que embora habitam pessoas, Bazaruto é um Parque? há 5 horas

 **Abudo Domingos Mabasso** nos 15 mil pessoas não existem hospitais acho que não é verdade há 5 horas


 **Carlos Malave** Ixo é mau... há 5 horas

 **Cheche De Rafael Matsuve** pensei que já tem hospital, xta pah. Pox eles só podem ir a Inhassoro ou Vilankulos e se houver imprecisão não há maneira, mas ok diz o governo face a esta situação há 5 horas

 **Alcino Rafael Medalha** Moz tá a decepcionar cada dia que passa, cada um dos responsáveis deste porraaah pah. há 6 horas

 **Edson Rebelo de Oliveira** e normalmente isso, sendo este Moçambique... há 6 horas

 **Nelson Raimundo Mussane** Isto chama-se Moçambique real há 6 horas


 **Benjamim Jose** podia haver posto de saúde. há 6 horas

 **Benilde Emilio Taela** Muito chato isso há 6 horas

 **Edmilson Adolfo Muchanga** Logo numa ilha. há 6 horas

 **Nestor Dôgma Liryc** Não temos governantes sérios, a quem pediremos ajuda? há 6 horas

 **Alberto Agostinho Macandza** Muito perigoso isso. há 6 horas


 **Serito Ossemame** e com um resort de luxo... há 5 horas


 **Gerson Chelene Macarov Tóxico** Querem a ilha só para eles... há 5 horas


 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO HORTGA REPORTA: aconteceu esta manhã um acidente de viação próximo ao mercado central de Cuamba, na província do Niassa. Um mini bus bateu num poste de iluminação capotou causando quatro vítimas mortais e seis feridos graves. O motorista fugiu.

 **Mel Agy** Falei agora com meu pai que vive em Niassa e explicou-me que esse lugar tem uma estrada larga e os postes dividem as duas faixas e a circulação de automóveis é escassa, acreditando que só pode ter sido "brincadeira de crianças" que conduzem chapas sem responsabilidade fazendo-se de motoristas e causando desgraças... Fooogo que horror! Triste pelas famílias pah! Tsk. **Gosto** · 1 · há 3 horas


 **Gustavo Pinto Zanguief** Ponha o lugar dele muzaya, iax parar? Parem de insultar o nigga, aprendam a andar na xcola. Bolax baixas, o calhar o gajo ganhou uma pancada há 3 horas

 **Samuel Massingue** Fugindo para cá resolve, ou piora a situação... Humm.. Gustavo, aprendeu a causar acidentes e fugir é isso que queres dizer? Tá a ver? Passamos por isso diariamente! Apanhamos xapas dirigidos por alguns irresponsáveis. Que sejam punidos esses que causam acidentes e fogem sem prestar socorro às suas vítimas... há 3 horas


 **Emidio Zanda** Onde xta o filho da puta do motorista **Gosto** · 1 · há 3 horas

 **Macitela Hélio** São desses que compram cartas há 39 minutos


 **Dino Omardino** isso é ser doente! há cerca de uma hora


 **Januario Aro** Si fugiu deu motivos especiais a polícia, vão lhe achar e será levado preso. há 2 horas


 **Francisco Justino** ok ainda é de pensar no assunto. há 2 horas

 **Amandio Carlos** as vezes tem sido uma pancada ou foi se apresentar às autoridades. Conheço bem a cidade e me

pergunto qual a velocidade que levava? Meus pesamos e rapidades melhoras aos feridos **Gosto** · **Responder** · há 2 horas

 **Francisco Justino** Que triste exa notícia, até vem a impressão de que devia disistir de tirar uma carta de condução. É muito triste. há 2 horas

 **Gustavo Pinto Zanguief** vale apenas matar duk ser morto, por isso tira a carta há 2 horas

 **Benjamim Agostinho Mucopote** E vivo em Cuamba e sinceramente aqui não há estrada para andar a velocidades que possam causar tais acidentes e ainda por cima as ruas são muito movimentadas. esse tipo de irresponsabilidade ninguém aprende na escola de condução. aí a resposta é individual. vou averiguar para ter mais informações há 2 horas


 **Osvaldinho Maria** lastimável **Gosto** · **Responder** · há 2 horas


 **Oscar Gome** q pena há 3 horas

 **Afane Eduardo Momade** Sinto muito há 3 horas

 **Paulo Simbine** Triste... há 3 horas

 **Edgar Kamikaze Barroso** Céus... há 3 horas

 **Rosemina Munji** imprudência de alguns nossos motoristas de Moçambique, por favor parem de causar danos humanos e materiais há 3 horas

 **Ibraimo Aldo** Meus pesames às famílias enlutadas e rápidas melhoras aos feridos...que o motorista faça um exame de consciência e volte para se responsabilizar pelo sucedido sob pena de viver eternamente atormentado mentalmente. há 3 horas


 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade


Jornal @Verdade

CIDADÃO FRANCISCO REPORTA: Uma aeronave da companhia moçambicana Kaya Airlines, modelo Embraer 120, proveniente da cidade de Quelimane com destino final Maputo, teve que pousar de emergência ontem à noite no Aeródromo de Inhambane. Vale ressaltar que o aeródromo não tem iluminação nocturna o que fez com que a aeronave demorasse largos minutos para fazer o pouso o que provocou alguma preocupação no seio dos municípios. Esta situação derivou do mau tempo que se fazia sentir na cidade de Maputo tendo a mesma sido obrigada a ir para o aeródromo alternante de Maputo. Uma vez que não tinha combustível para chegar a Vilankulo a única opção passava por aterrar no Aeródromo de Inhambane. A aterragem foi possível graças ao posicionamento na cabeceira da pista das viaturas do corpo de bombeiros do aeródromo. O avião reabasteceu e posteriormente seguiu viagem para Maputo. Felizmente não houve danos a lamentar.

 **Daude Amade** O aeroporto de Inhambane não tem tráfego que justifique a sua abertura 24 horas. Contudo é de louvar o trabalho dos bombeiros e de outro pessoal do aeroporto que se dirigiu imediatamente ao serviço, para os devidos procedimentos. Tenho informações que a aeronave tinha um doente transferido de Quelimane para Maputo. **Gosto** · 11 · Domingo às 12:54

 **Pinheiro Manuel A** tripulação merece medalhas de ouro **Gosto** · 5 · Domingo às 12:45

 **Hermenegildo Muhate** Aleluia, glória ao pai **Gosto** · 3 · Domingo às 13:00


 **Caetano Moraes** Não faz sentido que um aeródromo situado num país com enormes potencialidades energéticas não tenha iluminação. Onde anda o gás de petróleo e temane? Onde anda a hcb do songo? **Gosto** · 2 · Domingo às 13:06


 **Onorio Beto Carlos Nhansue** Graxax a deus... **Gosto** · 3 · Domingo às 12:45

 **Aello Sergio Mungambe** Deus existe. **Gosto** · 1 · Domingo às 13:04

 **Ernesto Chirindza** Graxas a deus.. **Gosto** · 1 · Domingo às 12:46

 **Conceicao Mbanze** amen **Gosto** · 3 · Domingo às 12:39

 **Joakim Luis Jeké** esta de parabéns a tripulação... uma salva de palmas Domingo às 17:25


 **Edmilson Dengo** Ainda bem que o pior não aconteceu! Domingo às 12:40

 **Jose Ferreira da Silva** Valeu foi o Aeroporto... Mesmo sem luz... O piloto está de parabéns pelo êxito de aterrar às escuras com ajuda dos bombeiros... **Gosto** · 1 · Domingo às 18:14


 **Danilo Filip Matsovel** em Inhambane o mal

não pousa **Gosto** · **Responder** · 1 · Domingo às 13:37


 **Celestino Tomas Ernesto** Deus é pai Domingo às 13:36


 **Onorio Beto Carlos Nhansue** Mais aqui em Moçambique tá xer maning estranho. Domingo às 13:13


 **Joao Catarino Fernando Jamal** Valeu a coragem e tenacidade da tripulação da cabine... **Gosto** · 1 · Domingo às 13:13


 **Sandra Marta Gustavo** Por acaso eu vi esse avião a dar muitas voltas pela cidade... Logo nos apercebemos que algo estava se passando... **Gosto** · 1 · Domingo às 13:05

 **Bel Riquelme's SymfoDesign** Parabéns aos pilotos, parabéns ao pessoal do Aeroporto. Graças ao bem o mal foi evitado! **Gosto** · 1 · Domingo às 13:00

 **Isaías Matsinhe** Graças a Deus... **Gosto** · 1 · Domingo às 12:57


 **Chaimite Filipe Chaimite** Nem é o país que xta pode mas as mentes que gerem o país. Pois isto não tem nada de governação. Mas parabéns aos heróis e graças ao senhor Deus tudo ficou bem. **Gosto** · 1 · Domingo às 12:52


 **Antonio Adelino Tembo** isso indica uma boa sensação e vontade de trabalhar. Domingo às 20:14

 **Vevo Vevo** isto mostra que temos bons pilotos e que com muito esforço iremos avançar, força Moçambique Domingo às 19:05

 **Stela Santos** Parabéns ao piloto! Herói Domingo às 18:39

 **Carmélio Chaleca** Preocupante! Domingo às 17:24

 **Fatima Hagy Abrão** Graxas a deus tudo correu bem Domingo às 17:01

 **Zefanias Utui** God blessed... Domingo às 16:22

Publicidade



A verdade em cada palavra.

www.verdade.co.mz

Selo d'@Verdade

Sobre as “Presidências Abertas” de Guebuza: Torragem de dinheiro, pré-campanha eleitoral e o povo no mesmo sufoco de sempre

Li um post, no Facebook, de um membro sénior do nosso Governo (o vice-ministro das Pescas, Gabriel Muthisse), onde de forma extensa defendia a continuidade das “presidências abertas” realizadas pelo Chefe de Estado, Armando Guebuza, um pouco por todo o país. Nele, ele reconhece que, de facto, as reclamações de quase toda a opinião pública, segundo as quais Nestes eventos “têm sido basicamente gastos desnecessários de dinheiro que o país não tem” têm a sua razão de ser (esbanjamento do erário público em aluguer de helicópteros para o Chefe de Estado e toda a sua numerosa comitiva de acompanhamento, em alojamento e ajudas de custo, etc.). Entretanto, ele, mesmo assim, coloca-se na defensiva e sustenta que as “presidências abertas” devem continuar por duas razões principais:

1. O Chefe de Estado (e toda a sua comitiva) tem mesmo de ir aos distritos, por ser um imperativo de governação. Segundo ele, todos os dirigentes superiores de Estado devem “obrigatoriamente” interagir com os líderes e as povoações locais, visto que em Moçambique temos ainda fragilidades institucionais na circulação de informação e na canalização dos anseios do povo. Não há, segundo ele, energia eléctrica, jornais, rádios, televisão, telefones e Internet nesses locais e a onnipresença do Chefe de Estado (e toda a sua comitiva) justifica-se especialmente por isso. Só assim é que o Governo toma conhecimento das reais necessidades do povo.

2. As viagens têm de ser feitas exclusivamente de helicóptero, não de viaturas, bicicletas ou carroças de burros. Para o governante supracitado, tal facto justifica-se por Moçambique ser muito grande e o Chefe de Estado (e toda a sua comitiva) tem de fazer “economia de tempo”, visitando os distritos de helicóptero... Diz também que visitar os distritos, localidades e postos administrativos de helicóptero é mais barato do que usar todos os outros meios alternativos que o Estado tem ao seu dispor.

As minhas questões:

1. Será mesmo que é mais barato o Chefe de Estado (e toda a sua comitiva) visitar os distritos de helicóptero e não de viaturas? Podemos então saber primeiro quanto é que se gasta em aluguer de helicópteros (que não temos) e quanto é que se poderia gastar na realização dessas “presidências abertas” com viaturas (que o Estado possui, central e localmente)?

2. Se o motivo principal de realização dessas “presidências abertas” é o de conhecer a realidade local, monitorar a execução do plano económico-social e incluir os cidadãos na governação local, será mesmo pertinente que o Chefe de Estado se faça deslocar aos distritos com quase toda a sua “indústria governativa” (ministros, vice-ministros, directores nacionais, etc.) e convidados especiais (assessores, diplomatas, batalhão de jornalistas)? Só para auscultar o povo e ver

“in loco” as coisas a acontecerem?

E porque é que tais visitas, se são também para conhecer a realidade local, são feitas por via aérea e não por terra, onde o Chefe de Estado conheceria de facto como estão as vias de acesso às localidades, postos administrativos e demais aldeias recônditas do país? É mesmo sustentável, tendo em conta os nossos desafios e défices em termos orçamentais, movimentar este autêntico batalhão de elite (sem contar com as “brigadas de avanço” que também vão preparar o terreno político, logístico e de segurança antes de o Chefe de Estado lá chegar)?

Se o argumento central das “presidências abertas” sistemáticas é o de interagir directamente com o povo, eu acho que se poderia poupar mais nesses gastos públicos, potenciando-se mais os órgãos locais de governação. Afinal, para que é que servem os governadores (e governos) provinciais e os administradores (e administrações) distritais?! Eles escutam menos o povo do que o Chefe de Estado (e toda a sua comitiva)? O Chefe de Estado (e toda a sua comitiva) tem muito maior sensibilidade em relação aos problemas do povo do que os governantes locais?

3. Quais são os ganhos tangíveis de tais “presidências abertas”? O que é que o Chefe de Estado (e toda a sua comitiva) gastam com essas “presidências” e o que é que efectivamente o povo ganha? Se uma das justificações para a continuidade dessas “presidências abertas” é o facto de a comunicação entre os governantes locais e centrais ainda ser incipiente, o dinheiro que se gasta todos os anos alugando helicópteros, pagando hotéis, pensões e pousadas ou ajudas de custo à “brigada de elite” do Chefe de Estado não seria suficiente para colocar nesses locais energia eléctrica, rádios comunitárias ou antenas receptoras de televisão e de telefonia móvel?

Colocando alguns pontos em ordem:

1. Eu acho muito estranho o facto de só agora um alto governante vir publicamente defender as “presidências abertas” de Guebuza, a quase um ano do fim do seu mandato e às portas de novas eleições no país. Numa altura que os níveis de impopularidade e de contestação do Governo de Guebuza têm estado a atingir dimensões recordes, vejo este exercício como uma tentativa antecipa de justificar o esbanjamento de dinheiro que, mais do que “monitorar os resultados da governação local e interagir com o maravilhoso povo”, será alocado mais para a pré-campanha do partido no poder tendo em vista os próximos eventos eleitorais deste e do próximo ano.

2. Essas “presidências abertas” não trazem benefícios tangíveis para o povo moçambicano, a não ser o reforço do poder político do regime no poder. Aliás, o Chefe de Estado não é nenhum Jesus Cristo. O que ele (e a sua comitiva) têm

estado a fazer é turismo presidencial e o reforço institucional da sua máquina político-administrativa a nível local, custeados com os nossos impostos. Devemos todos insurgir-nos contra o modo como aqueles que outrora se candidataram para serem os nossos mandatários estão a gerir o erário público. Da mesma forma que o Governo diz que “não há riqueza para distribuir no país”, é um facto irrefutável que também “não há dinheiro para esbanjar em Moçambique”. Onde andam os outrora propalados slogans como “contenção de custos”, “austeridade”, “cultura de trabalho”, “produção e produtividade” e balelas do género?

3. Se o próprio Chefe de Estado uma vez disse que “carvão e gás natural não se come”, é legítimo que hoje nós também digamos a ele e aos seus acólitos no Governo que “o povo não come os seus discursos”. Com efeito, estas visitas são mais “top-down”, onde a prestação de contas é vertical (feita pela administração local) e o Chefe de Estado nunca o faz, tanto para o povo como para a própria administração local.

4. O povo não quer apenas ser visitado pelo “filho mais iluminado do país” e se ficar por aí. Essas “presidências abertas”, ao invés de enriquecerem o povo, só o empobrecem. Primeiro, as pessoas deixam de produzir para o seu sustento e vão ouvir o Chefe de Estado. Segundo, o Chefe de Estado aparece apenas a papaguear para o povo e este resume-se a escutá-lo, a bater palmas e, como se não bastasse, depois oferece-lhe galinhas e hortaliças...

5. Muitas das vezes, o Chefe de Estado é até enganado nessas “presidências abertas”. Os sítios onde ele visita são previamente limpos e ornamentados, as pessoas são previamente “convidadas” pelas estruturas locais a dar um testemunho maravilhoso das condições locais e a “área de alcance” do Chefe de Estado limita-se apenas ao que o seu Protocolo de Estado antecipadamente programa.

PS: Estava a ler há dias um estudo (publicado em Setembro de 2012) sobre o modelo de “presidência aberta e inclusiva” de Guebuza, realizado pela investigadora alemã Julia Leininger para o IESE, no qual ela afirmava categoricamente que tal modelo “contribui mais para a ‘recentralização’ do Estado do que para o processo de descentralização. O Presidente aparece como único interlocutor capaz de resolver os problemas da população, minando a autoridade da administração local”. Portanto, e pelo que se pode depreender aqui, o meu amigo vice-ministro das Pescas anda muito equivocado e está a prestar um mau serviço ao povo, mentindo descaradamente e tentando justificar o injustificável. Infelizmente...

Edgar Barroso

Estimados Desportistas, amantes do futebol e Povo Moçambicano!

Face a este cenário todo em volta do Vilankulo FC no Moçambola, sinto-me, como presidente e proprietário do clube, na obrigação de esclarecer a “todos” que em nenhum momento pautei ou fui a favor do boicote do Moçambola. Esta é uma competição a sério, que, acima de tudo, tem muita envolvente, porém, tenho de salvaguardar os supremos interesses da minha instituição: que são os jogadores e a equipa técnica.

Mas também tenho de informar que eu, pessoalmente, falei com o próprio Alberto Simango Jr., presidente da Liga Moçambicana de Futebol na segunda-feira, logo após receber o comunicado da marcação de jogos. A minha equipa estava em Tete e porque o calendário da quinta jornada do Moçambola foi divulgado a 16 de Abril pedi, de forma encarecida, para que cedesse passagens aéreas para que ela viajasse de Tete a Maputo ou, caso não fosse possível, que o jogo contra o Costa do Sol fosse remarcado para domingo, de modo a dar tempo de repouso.

Para o meu espanto e arrepi, ele respondeu-me que não tinha conhecimento do calendário, mas que depois de verificar me ia ligar.

Esperei. Tive barbas e cortei. Fiz questão até de não desligar o telemóvel, mas de balde.

A equipa regressou à casa (Vilankulos) de autocarro na terça-feira à noite enquanto o presidente do organismo que gere o Moçambola vasculhava o calendário. Foi daí que tomei a decisão de retirar o clube do Moçambola (caso não existissem condições), por ver que a vontade, camuflada naquele “deixa-me verificar o calendário, depois te ligo”, era mesmo sem interesse.

Passaram todos estes dias sem que uma resposta tivesse por parte deste dirigente, se calhar porque sou um “puto” ainda nestas coisas de futebol.

Hoje, depois de todos perceberem a seriedade deste as-

sunto, chamadas não me faltaram a pedir para ponderar e recuar na decisão, chamadas de dirigentes desportivos, de conselheiros, do presidente da mesa da Assembleia-Geral da Liga Moçambicana de Futebol, do vice-presidente da Federação Moçambicana de Futebol, e a última chamada foi do presidente da FMF, que falou aproximadamente 20 minutos comigo, pedindo e implorando para que viajasse e fosse ao jogo!

As pessoas pedem-me ponderação mas, entretanto, não admitem que o Vilankulo FC seja o único clube em quatro anos sem direito a transporte aéreo; não aceitam que os meus jogadores estejam com fadiga das viagens terrestres; pior, tiram um comunicado às pressas informando que a saúde dos atletas não tem enquadramento no regulamento da prova.

Afinal o que queremos? Quem se responsabiliza se um atleta morre em campo?

Amigos, desportistas, pais de família, sabiam que todos os atletas do Vilankulo FC até hoje estão a viajar sem seguros? Estão a percorrer o país por estrada, quem se responsabiliza se houver um acidente? Sabiam que só esta semana a LMF apressou-se a pedir a lista dos que deveriam estar segurados pela “seguradora do Moçambola”?

O assunto é gravíssimo meus caros, o discurso de que está tudo bem não pode continuar. Temos de ser realistas, ou fazemos futebol de verdade, ou fazemos só para ganhar os espaços que queremos nas outras aspirações!!!

Saudações Desportivas!
Verdade Desportiva para todos!
Por um Futebol Unido e Justo!
FIFA Fair Play
Cumprimentos

Yassin Amuji

Publicidade

CONTAMINAÇÃO

A verdade em cada palavra.

“A voz da comunidade nos distritos são as rádios comunitárias”

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

Numa altura em que os órgãos de informação públicos só veiculam os aspectos positivos e exaltam as realizações do Governo, esquecendo-se do seu papel, que é informar o cidadão, a alternativa que resta às comunidades das zonas rurais são as rádios comunitárias, cuja independência reside no facto de não dependerem de fundos do Estado.

Porém, apesar disso, muitos são os casos de interferências no seu funcionamento e na imposição de uma linha editorial que só atrofia o direito dos indivíduos à informação e põe em causa um dos propósitos da criação das rádios comunitárias: dar voz à comunidade.

Estes constrangimentos levam o coordenador da Rádio Comunitária de Catandica, na província central de Manica, John Chekwa, a afirmar que “fazer rádio nos distritos não é fácil, é necessário haver uma entrega pessoal”.

Ele é um exemplo do que é sentir “na pele” as consequências de agir em nome da comunidade. Foram movidos dois processos contra si e a rádio que dirige já foi invadida por um deputado da Frelimo devido à sua cobertura imparcial da campanha eleitoral em 2008, aquando das terceiras eleições autárquicas.

Mas não lhe passa pela cabeça abandonar a causa que abraçou. Na sua opinião, “a voz da comunidade são as rádios comunitárias, por isso elas devem corresponder às expectativas”.

@V - Como é que chega à Rádio Comunitária de Catandica?

JC - Bem, em 2005 eu era repórter e editor de um jornal comunitário, no distrito de Báruè. Na altura ainda não havia uma rádio comunitária. Entretanto, devido à censura, um colega meu e o director do referido jornal foram presos, e isso ditou o fim da publicação.

Já em 2006, chega a UNESCO e, devido ao trabalho que eu desenvolvia na comunidade e aos meus artigos, colocaram-me o desafio de gerir a Rádio Comunitária de Catandica, após a sua abertura. Numa primeira fase, recusei o convite. Apenas aceitei trabalhar na qualidade de activista. Só em 2007, depois de analisar a situação, é que assumi o cargo de coordenador, que ocupo até hoje.

“As rádios comunitárias são insustentáveis e a Taxa de Radiodifusão só beneficia a Rádio Moçambique”

@V - É fácil fazer rádio no distrito?

JC - Não é. Há interferências no seu funcionamento e, por vezes, nós, os colaboradores, recebemos ameaças. Não temos fundos, pelo menos o operacional. O nosso orçamento é inconstante. Os nossos voluntários precisam de um incentivo e nós não estamos em condições de pagar um subsídio, pelo menos.

@V - Como é que reclamam da falta de fundos se os cidadãos pagam a taxa de radiodifusão?

JC - Nós, as rádios comunitárias, não beneficiamos de nenhum valor proveniente do pagamento da taxa de radiodifusão. Quem recebe é a Rádio Moçambique, mas esta não cobre todos os distritos. Por mais que o seu sinal chegue lá, não cobre toda a extensão. Nós estamos onde a RM não consegue chegar.

@V - Face a essas dificuldades, como é que a Rádio



@V - Como foram os primeiros dias de funcionamento da rádio? Foi fácil a sua inserção, as estruturas locais não interferiram no vosso trabalho?

JC - Não foi fácil. No princípio o governo distrital censurava as notícias que emitíamos. Não queria que veiculássemos uma informação sem que passasse antes pelo seu “crivo”. Havia uma espécie de filtração de conteúdos.

@V - E como é que isso foi ultrapassado?

JC - Foi graças ao apoio dos nossos parceiros, nomeadamente o MASC (Mecanismo de Apoio à Sociedade Civil), MISA Moçambique, e o FORCOM (Fórum das Rádios Comunitárias). Com a sua colaboração, começámos a ter a noção do verdadeiro papel de uma rádio comunitária, que é representar a comunidade.

A partir daí passámos a reportar assuntos do interesse da comunidade, as suas preocupações, e muito mais.

@V - Não terão sofrido represálias a partir do momento em que deixaram de “prestar vassalagem” ao governo distrital para dar voz à comunidade?

JC - Claro que sofremos. Quando começámos a reportar as preocupações da comunidade, um deputado da Frelimo, pelo círculo eleitoral de Manica, de nome Tomás Razão, invadiu a nossa rádio em 2008 alegadamente porque o que reportávamos não era verdade.

Ele teve aquela atitude porque nós acabávamos de reportar um caso de vandalização de material de propaganda da Renamo, o que culminou com o espancamento de um jovem, membro deste partido. Estávamos no período das eleições autárquicas.

Nós entrevistámos todos os intervenientes, e ouvimos o pessoal médico do hospital para onde o jovem tinha sido levado. A notícia foi lida em todas as línguas locais.

@V - Consta que foi processado em 2009...

JC - Sim, fui. O que aconteceu foi que a rádio recebeu uma denúncia de membros de uma associação de camponeses local. Eles acusavam o director dos Serviços Distritais das Actividades Económicas de Catandica de ter comprado uma viatura que tinha sido vendida pelo director executivo da referida agremiação.

Procurámos o director distrital e ele refutou a acusação. Disse que tinha em-

prestado um certo valor ao director executivo da associação e que este não demonstrava interesse em pagar, por isso penhorou a viatura.

Porque já tínhamos o contraditório, reportámos o caso e, como consequência, foi aberto um processo contra mim. Estranhamente, o caso não teve desfecho e depois de um tempo ficámos a saber que o processo tinha sido arquivado e a viatura devolvida à associação.

@V - E em relação ao caso das sementes que não germinavam, sabe-se que está a responder a um processo.

JC - Sim, estou a responder a um processo relacionado com este caso. O julgamento vai ser amanhã, dia 25 de Abril. (O fecho da edição do jornal teve lugar na quarta-feira, 24 de Abril).

@V - Pode contar os contornos do caso?

JC - Na campanha agrícola 2011/2012, os agricultores do distrito de Catandica aproximaram-se da rádio e disseram que tinham adquirido 2,5 toneladas de semente de milho à empresa Nzara Yapera. Só que a mesma não germinou.

Depois disso, tentámos entrar em contacto com o responsável da empresa, mas este recusou-se a receber-nos. O director distrital das Actividades Económicas também não quis falar sobre o assunto, mas um técnico da mesma instituição pediu 100 grãos da semente para testar a sua qualidade e o resultado indicou que apenas 30 por cento dela é que germinavam.

Só que a empresa trouxe um resultado de uma análise laboratorial que tinha sido feita na cidade de Chimoio. Mas o resultado é duvidoso.

@V - Porquê?

JC - A empresa diz que o resultado é do dia 16 mas a semente deu entrada no laboratório no dia 30. Isso quer dizer que já havia resultados antes de a semente ser enviada para análise. E mais, a notícia foi veiculada no dia 23.

dio Catandica funciona?

JC - Felizmente, desde 2010, contamos com o apoio do Mecanismo de Apoio à Sociedade Civil (MASC) e outros parceiros, como a UNICEF e o FORCOM. Nas nossas instalações, leccionamos cursos de informática, temos serviços de cópias. Sobrevivemos também de anúncios.

@V - Que tipos de assuntos a Rádio Catandica reporta?

JC - Como órgão comunitário, abordamos questões ligadas à agricultura, saúde, educação, cultura e governação.

@V - Quais são os problemas com que as comunidades de Catandica se debatem?

JC - Há falta de serviços básicos, tais como a educação, saúde. Nas zonas rurais não há centros de saúde, o que faz com que as pessoas tenham de per-

correr dezenas ou centenas de quilómetros para chegarem à vila, onde temos um hospital distrital.

Não há vias de acesso. Há muita produção no interior mas não há como escoá-la para os mercados. Não temos água, mulheres e crianças percorrem longas distâncias para acarretar o líquido precioso.

@V - Como é o vosso relacionamento com a administração local?

JC - É bom. Por exemplo, o edifício onde funciona a rádio pertence à administração distrital. Ela é que paga as contas de luz e não nos cobra nada pelo facto de estarmos a ocupá-lo. Semanalmente, ela envia o programa e nós divulgamo-lo.

@V - E com o conselho municipal?

JC - Também é bom. Aliás, a edilidade contribui mensalmente com 500,00 meticais para o funcionamento da rádio.

Democracia

Sindicato dos Professores desconhece a candidatura de Leopoldo da Costa à CNE

O Sindicato Nacional dos Professores de Moçambique (SNPM) nega que a recandidatura do actual presidente da Comissão Nacional de Eleições (CNE), João Leopoldo da Costa, tenha o seu suporte e afirma que nunca se reuniu para deliberar sobre esta matéria, o que endossa suspeitas de irregularidades no processo de selecção dos candidatos da sociedade civil para os três lugares existentes naquele órgão.

Texto: **Redacção** • Foto: **Arquivo**

Na segunda-feira, o SNPM veio a público, através de um comunicado, afirmar que não constitui verdade que a candidatura do visado tenha o suporte da sua agremiação. Por isso, exige a reposição da veracidade dos factos “através da retirada do suporte do Sindicato Nacional dos Professores de Moçambique da referida candidatura, podendo ser substituída por quem efectivamente se manifestar interessado.”

Aquela agremiação diz ainda ter sido colhida de surpresa e estupefacção com a informação veiculada por um semanário da praça, a 14 de Abril em curso, dando conta de que “o actual presidente da Comissão Nacional de Eleições, João Leopoldo da Costa, acaba de manifestar o interesse de voltar a este órgão de administração eleitoral. A sua candidatura é suportada pelo Sindicato Nacional dos Professores e deu entrada na Assembleia da República, em sede da comissão ad hoc”.

Esta informação é falsa, segundo o SNPM, para quem nunca tramitou qualquer expediente relacionado com a candidatura de quem quer que fosse, incluindo a de João Leopoldo da Costa, à CNE.

Aliás, nem Leopoldo da Costa, nem qualquer representante seu se aproximou da presidência do sindicato com o intuito de solicitar o suporte da referida candidatura.

O SNPM aponta ainda que dentro da sua agremiação, as decisões são tomadas à luz dos estatutos, por consenso ou por voto, pelo que, no caso vertente, nenhum órgão se reuniu para deliberar sobre a candidatura do actual presidente da CNE, uma vez que nunca existiu.

Um candidato frelimista que se disfarça de sociedade civil

Esta denúncia do Sindicato Nacional dos Professores de Moçambique junta-se a vários outros impedimentos legais que constam do curriculum de João Leopoldo da Costa que, apesar disso, viu o seu nome ser aprovado pela Comissão Ad Hoc do Parlamento para a lista dos 16 candidatos finais aos três lugares da CNE provenientes da sociedade civil moçambicana.

Pateguana, para os mais próximos, nos círculos familiares sobretudo, é médico de profissão. Simultaneamente, exerce a função de reitor do Instituto Superior de Ciências Técnicas de

Moçambique (ISCTEM), facto que se configura anti-ético a vários níveis.

Efectivamente, a lei, na altura em que foi eleito, especificava que nenhum membro da CNE poderia ter outro emprego e salário estranhos ao órgão. Porém, Leopoldo manteve, até hoje, o seu posto de trabalho académico e disse que outros membros da CNE também poderiam desempenhar outras funções remuneradas – em total violação da lei.

O timoneiro da CNE foi figura destacável no IX Congresso do Partido no Poder, a Frelimo, realizado em Quelimane, na Zambézia em Novembro de 2006, aonde foi fotografado trajando com uma camiseta daquela formação partidária.

“Não existe nenhuma irregularidade na candidatura de Leopoldo da costa”, presidente da comissão ad hoc

Entretanto, quando confrontado com esta informação, o presidente da Comissão Ad Hoc da Assembleia da República para a

Eleição dos Membros da Comissão Nacional de Eleições, Moreira Vasco, afirmou que a documentação referente à candidatura de Leopoldo da Costa que o órgão recebeu preenche todos os requisitos exigidos para o efeito.

Segundo Moreira Vasco, dos documentos constava também a nota de envio e a respectiva acta de reunião que o Sindicato Nacional dos Professores teria organizado e que culminou com a eleição do actual presidente da CNE em nome daquela agremiação, ambos assinados pelo secretariado.

Assim sendo, da parte da comissão ad hoc não existe nenhuma irregularidade na candidatura de Leopoldo. “Para nós, a candidatura de Leopoldo da Costa está clara como a água”, disse Moreira, para quem este “mal-entendido só pode resultar de conflitos internos na ONP”.

De acordo com o presidente da comissão ad hoc, já foram eleitos os 16 candi-

datos a serem submetidos à Plenária na Assembleia da República. Entretanto, recusou-se a indicar os nomes seleccionados alegando que o processo ainda não está terminado.

Leopoldo da Costa desmente o sindicato

Por seu turno, João Leopoldo da Costa, de quem o Sindicato Nacional dos Professores de Moçambique se distancia quanto ao aval para concorrer, em nome da instituição, à Comissão Nacional de Eleições, órgão do qual é presidente, diz que a sua candidatura foi feita com o conhecimento e consentimento desta agremiação.

“Fui contactado nos mesmos moldes que havia sido abordado em 2007, quando a minha candidatura para a CNE apareceu pela primeira vez. Recebi a proposta com agrado, ponderei sobre ela durante muito tempo e depois de analisar os ‘prós’ e os ‘contras’ decidi aceitar o desafio”, garante Leopoldo da Costa, citado pelo jornal Notícias.

Conflitos internos põem em causa a credibilidade do Observatório Eleitoral

Um clima de conflito de interesses está instalado no seio do Observatório Eleitoral (OE) e a assombrar o processo conduzido por este e que culminou com a eleição de 16 candidatos a membros da Comissão Nacional de Eleições (CNE), em representação da sociedade civil.

Texto: **Redacção**

Em causa estão as “candidaturas paralelas” apresentadas por alguns associados do Observatório Eleitoral, nomeadamente o Conselho Cristão de Moçambique (CCM) e o Centro de Estudos de Democracia (CEDE), que indicaram, respectivamente, Leonardo David Massango e Sheik Abdul Carimo como seus candidatos a membros da Comissão Nacional de Eleições (CNE).

No entanto, a atitude destas duas agremiações de apresentar os seus próprios candidatos à Comissão Ad-Hoc da Assembleia da República (AR), órgão que está a conduzir o processo das candidaturas ao nível do Parlamento, para além de contrariar o princípio de transparência e credibilidade, que levou o OE a tomar a dianteira nesse processo, está a deixar preocupadas as associações que por via deste organismo submeteram as suas candidaturas.

É que, entendem as associações, as organizações que compõem o OE, particularmente o CCM e a CEDE, deviam, querendo, ter submetido as suas candidaturas usando o mesmo canal de selecção que elas usaram como forma de garantir a transparência ou invés de fazê-lo à parte.

Entretanto, o porta-voz do OE e também membro da CCM, Boaventura Zita, tenta desdramatizar a situação explicando que a apresentação das candidaturas, por parte das associações integrantes do OE, visava garantir que a sociedade civil submetesse a tempo as suas candidaturas.

“O prazo para a selecção dos candidatos estava apertado e era lícito que as organizações que tivessem tudo preparado avançassem com o processo”, justificou, durante uma entrevista concedida ao @Verdade na presença de mais dois membros da Observatório Eleitoral.

Porém, apesar desta “explicação” de Boaventura Zita, a ideia de conflito de interesses no seio do OE continua subjacente e ganha mais eco quando se tem em conta que alguns membros deste órgão estão insatisfeitos com as posições dos seus pares.

Alice Mabote, presidente da Liga dos Direitos Humanos (LDH) e também membro do OE, é uma das pessoas que não se têm mostrado favorável à forma como o processo está a ser conduzido.

Importa referir que Mabote já ameaçou abandonar o Observatório Eleitoral “caso o Conselho Cristão de Moçambique não mude de comportamento”. Na altura, Mabote fez questão do recordar que, durante as últimas eleições havidas em 2009, o Conselho Cristão teria indicado, à revelia dos seus colegas da OE, candidatos para integram a Comissão Nacional de Eleições, procedimento que se está a repetir este ano.

Estranho ainda é o facto de a candidatura de Abdul Carimo, que vem em nome da CEDE, ter sido efectuada sem o seu conhecimento, nem consentimento, em virtude de ele estar fora do país. Carimo ficou a par do assunto através de jornais, o que alimenta a ideia de haver divergências no seio da agremiação.

Publicidade



A verdade em cada palavra.

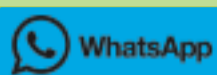
@Verdade Online: www.verdade.co.mz



20 de Novembro

Vamos todos votar

SMS 90440



WhatsApp 843998634

Caro leitor,

Entre os dias 25 de Maio e 25 de Julho irá decorrer em todos os distritos onde se localizam as 43 autarquias o recenseamento eleitoral de raiz, com vista à realização das eleições autárquicas de 20 de Novembro próximo para a escolha dos presidentes dos municípios e as respectivas assembleias.

Podem recensear-se todos os cidadãos moçambicanos residentes nos 43 municípios e que, à data das eleições, tenham idade igual ou superior a 18 anos, independentemente de já possuírem um cartão de eleitor uma vez que se trata de um recenseamento de raiz.

Durante a inscrição, ser-lhe-ão exigidos o nome completo, o sexo, a filiação (nome dos pais), a data e o local de nascimento, assim como o endereço completo da sua residência.

Caso o leitor não tenha o Bilhete de Identida-

de, poderá apresentar a **carta de condução**, o **cartão de trabalho**, o **cartão de estudante**, o **cartão de identificação militar**, a **cader-neta de desmobilização**, ou qualquer outro **documento que contenha uma fotografia actualizada, impressão digital ou assinatura** e que seja geralmente usado para efeitos de identificação.

Se não possuir nenhum dos documentos acima mencionados, deve levar dois cidadãos, como testemunhas, inscritos no mesmo posto de recenseamento, desde que a sua idoneidade não possa ser contestada, ou apresentar a cédula pessoal, o boletim ou a certidão de nascimento.

No fim do processo, para comprovar a sua inscrição, irá receber um cartão de eleitor, devidamente autenticado e no qual constam, obrigatoriamente: **a fotografia, o número de inscrição, o seu nome completo, a data e o local de nascimento, o endereço completo**

da sua residência, a unidade geográfica de recenseamento, a sua assinatura ou impressão digital e o número e entidade emissora do Bilhete de Identidade ou passaporte.

Em caso de perda ou furto do cartão de eleitor, deve comunicar o facto ao posto de recenseamento onde efectuou a inscrição, devendo este emitir um novo cartão com a indicação de que se trata de segunda via.

Incentive os seus vizinhos, familiares e amigos a recensearem-se para exercerem, na urna, o seu dever.

Recensear é um direito consagrado na Constituição da República.

E lembre-se, você pode ser um Cidadão Repórter, denunciando qualquer problema que presenciar no posto de recenseamento onde efectuar a sua inscrição, no seu bairro, distrito ou província.

Publicidade

Brinda aos 80 anos da Laurentina com uma garrafa exclusiva

Descobre uma das garrafas Edição Limitada e faz parte da história da Laurentina que comemora 80 anos de muito sabor, prazer e diversão.



Cada vez melhor desde 1932



SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Vítimas da violência estatal

Os agentes da Polícia da República de Moçambique continuam a fazer vítimas. Chande e Zandamela são dois exemplos da negligência dos agentes da lei e ordem. O primeiro encontrou a morte num local inesperado. Quito, outro dos infelizes, sobreviveu graças à tenacidade da mãe. Em suma, representam uma gota no oceano dos enteados do Estado.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

No dia 25 de Abril, Chande tinha um encontro marcado com o destino, mas não sabia que o mesmo era a morte. Um polícia à paisana disparou para a multidão e a bala foi-se alojar no seu corpo, no interior de uma mercearia, e pôs um ponto final na sua vida. Era tarde de domingo.

Uma multidão assistia a uma sessão de rali protagonizada por alguns jovens na via pública quando se ouviu um estrondo. Depois seguiram-se outros. Os presentes, em pânico, procuraram abrigo onde o desnorte os levou. De repente, as balas cessaram e a rua voltou a ter vida. Aliás, nem tudo era vida. Um corpo ficou tombado a esvaír-se em sangue. Um cadáver que era o testemunho de que pelo menos um tiro não fora para o alto como a Polícia dizia. Este acontecimento, que se parece com o argumento de um filme de ficção de Hollywood, sucedeu no passado dia 25 de Abril, numa das principais vias do bairro do Choupal, arredores da cidade de Maputo, deixou os moradores perplexos e os familiares da vítima indignados e, acima de tudo, inconformados.

Eram 15 horas quando Irachande Ismael, ou simplesmente Chande – como era tratado pelos familiares e amigos –, de 23 anos, estudante da 10ª classe, decidiu ir a uma mercearia, onde também se vendem bebidas alcoólicas, que se localiza a três passos da sua casa, com o propósito de espairecer. A rua estava repleta de pessoas que pareciam estar satisfeitas com o habitual espectáculo de malabarismo com viaturas ligeiras proporcionado por um grupo de jovens do bairro naquele dia de semana. Na mercearia, foi puxando conversa com algumas pessoas conhecidas que por ali estavam e pediu uma cerveja.



Nunca havia ficado naquele local por mais de cinco minutos, “quando entrava era apenas para cumprimentar os seus amigos e ia-se embora”, explica Acácio Cumbe que há um ano se encontra a gerir aquele estabelecimento comercial. Mas naquele dia “ficou mais tempo do que o costume” para um encontro com a morte.

Na verdade, Chande pediu uma cerveja porque deparou com uma amiga com a qual há muito não se avistava. O rali acontecia defronte da mercearia e ao lado de um posto de venda de energia para os usuários do sistema de Credelec, guardado por um polícia que estava vestido à paisana por causa de um assalto que aquele estabelecimento sofreu há alguns dias, segundo nos deram a conhecer os residentes do bairro. Enquanto o público se excitava com as cenas que testemunhavam in loco, o polícia de turno “irritava-se com a situação”, o que o terá levado a retirar o revólver que trazia escondido e “disparou vários tiros para o ar e contra os jovens que faziam rali”, conta Omar Rufino, amigo e primo de Irachande. Em seguida, instalou-se um tumulto, uma vez que as pessoas procuravam um lugar seguro para fugir das balas.

Os que estavam na mercearia lançaram-se ao chão. Volvidos poucos minutos, os gemidos de dor deram a entender que alguém havia sido alvejado naquele recinto: era o Chande. As pessoas aproximaram-se do moribundo e verificaram que fora ferido por uma bala que lhe atravessou o lado esquerdo do corpo, na zona das costelas, de onde jorrava sangue. De seguida, tratou-se de chamar os parentes da vítima que acabaram por arranjar transporte para levar o seu ente querido aos cuidados médicos no Hospital Geral José Macamo.

Antes disso, a população revoltou-se contra a atitude do atirador, que foi levado para a esquadra mais próxima, visto que aquele ponderava a hipótese de perpetrar uma fuga. Devido à escassez de recursos, Irachande Ismael fora evacuado do leito hospitalar onde se encontrava internado, para o Hospital Central de Maputo, onde viera a perder a vida na madrugada de segunda-feira quando se lhe extraía a bala.

Uma família inconformada

O dia 25 de Abril ficará na memória colectiva dos amigos e parentes de Chande porque “a sua morte causou um impacto de enormes proporções”, disse Mohamed Ibrahim, tio do malogrado, para depois acrescentar que a família “não se

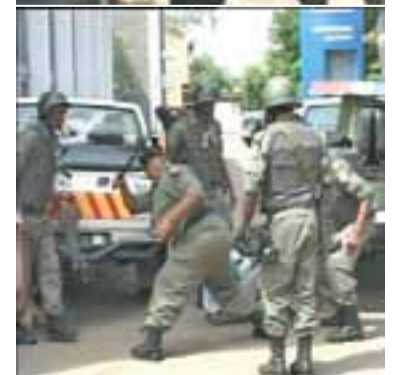
conforma com a situação e não acredita na história de bala perdida. Como as coisas aconteceram, isso leva-nos a duvidar que realmente se tratou de uma bala perdida”. Os parentes também estão indignados com a Polícia devido à sua atitude de indiferença desde o momento em que lhe foi dado a conhecer o caso. “Que a justiça seja feita”, é o que exigem.

“Sabemos que não nos vão trazer o Chande de volta mas se o polícia não pagar pelo que fez, não nos iremos sentir sossegados”, adianta um parente. Além da família da vítima, amigos e pessoas mais próximas também clamam por justiça, tendo afirmado em uníssono que “a justiça deve ser feita para dignificar o país” e lamentaram o facto de a polícia reagir logo após assistir a uma reportagem televisiva onde apareciam os membros da família a repudiarem o comportamento da mesma. Aliás, foram enviados dois polícias alheios ao caso para a casa da família enlutada, levando uma cesta básica alimentar. “Extrovertido, simpático e uma pessoa com uma imagem marcante”. São estas as palavras usadas por parentes, amigos e outras pessoas mais próximas de Irachande Ismael para descrevê-lo.

Onde está o polícia?

Segundo os moradores, o polícia, cujo nome não nos foi facultado, encontrava-se sob efeito de álcool na ocasião e tentou fugir quando se apercebeu de que havia uma pessoa ferida. Porém, foi imobilizado pela população e de seguida levado à esquadra, onde este afirmou que disparou para assustar as crianças que brincavam próximo de onde acontecia o espectáculo e os próprios protagonistas. Volvida uma semana em que esteve detido, o polícia é dado como desaparecido, o que forçou a família da vítima a levar o caso à Liga dos Direitos Humanos.

No entanto, a Polícia afirma que o indivíduo fora transferido da esquadra onde estava afecto



VIOLENCIA

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

/JornalVerdade

Email: averdademz@gmail.com

@Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.

Destaque



para a de Choupal “A” e desta para o comando da cidade porque ainda não estava em condições de responder a qualquer tipo de questões.

Um tema que, sem sombra de dúvidas, está presente na sociedade moçambicana: a responsabilidade do poder público nos casos de “bala perdida”. Diante de uma notícia como esta, muitos afirmam que o Estado responde, civilmente, perante a vítima. Mas, será que essa premissa se aplica sempre?



Outra vítima

A história de Chande não é um caso isolado. Aliás, assemelha-se à de muitos outros cidadãos neste país. A esperança de justiça, que se seguiu à amputação da perna de Quito, foi comprometida quando o Estado se furtou à sua responsabilidade pelo sucedido. Hoje, ainda mais do que ontem...

Numa residência no bairro do Maxaquene, as balas de 1 e 2 de Setembro deixaram uma vítima. Não lhe tiraram a vida, mas levaram-lhe os sonhos. Primeiro, Quito foi atingido na perna quando regressava da escola por um projectil disparado pela Polícia. Depois, por conta de uma “falha de procedimento” médico, amputaram-lhe duas vezes a perna direita. Actualmente, ele e a família batalham na vã esperança de que o Estado intervenha para reparar os danos. Agora, com menos fé do que no período pós-manifestações.

Antes da tragédia de 1 de Setembro, a progenitora ia frequentemente à vizinha África do Sul com o fito de comprar produtos, os quais revendia em Moçambique. Uma actividade que tinha os seus contratempos, mas que garantia o sustento do agregado familiar e dava para guardar algum dinheiro para pequenas eventualidades. O negócio, diga-se, corria de feição, até se dar a tragédia.

Assim, Maria do Carmo trocou o país vizinho, símbolo máximo da prosperidade familiar, pelo papel de enfermeira do filho que o Estado abandonou. Impossibilitada de se deslocar à África do Sul, tem de se desenvencilhar no bairro do Maxaquene para aumentar o minúsculo orçamento familiar. Passou a vender pão num local mais próximo de casa para não abandonar o filho.

“Este país inferniza a vida dos seus cidadãos”, diz. “Foi uma desgraça tremenda. O miúdo já fazia os seus próprios biscates, mas logo virou um dependente total”, afirma um vizinho.

Não fossem as marcas profundas, o primeiro dia de Setembro de 2010 seria uma data para esquecer. Com a notícia do incidente, o mundo dos Manganheles quase desabou. Do Carmo, qual mãe sem útero, andou desnor-teada pelos hospitais de Mavalane e Xipamanine e só ficou a saber do filho às 12 horas na Ortopedia 2 do HCM, onde foi atendida às 16h30.

“Andei assustada. Havia muitos cadáveres nos hospitais”, lembra. No entanto, saber que Quito não tinha morrido, diz, foi o mesmo que sentir que lhe devolviam o útero.

De acordo com as palavras de Quito, no carro onde se faziam transportar, vários feridos foram torturados pela polícia. Alguns agentes pisavam as suas feridas, alegando que se tratava de marginais.

Logo que a mãe avistou o médico no HCM, tratou de ouvir o diagnóstico sobre o filho. O especialista garantiu que o problema não era complicado. Mas, uma semana depois, outra sentença veio a terreiro: a perna de Quito devia ser amputada. O sangue já não circulava de cima para baixo. “Implorei, mas o doutor mostrou-se irredutível, sublinhando que outra solução seria impossível”, conta.

Afinal, Quito foi atingido por uma bala na perna, mas o projectil não ficou alojado no seu corpo.

Durante dois meses e três dias consecutivos a frequentar o HCM, Maria do Carmo levava uma vida que se resumia à ida da sua casa ao hospital. Numa sexta-feira, o filho começou a ter convulsões. Procurou o terapeuta e só o encontrou na segunda-feira.

“O médico disse que a perna seria amputada na quinta-feira e eu discordei, pois o garoto estava com convulsões há três dias. O especialista disse que não sabia e decidiram eliminar a perna na mesma segunda-feira, corria o dia 15 de Setembro”, conta.

Anteriormente, a mãe havia falado com o médico para saber se o hospital ofereceria muletas. A resposta veio pronta: “Não”, conta. Ela teve de pagar uma taxa de 700 meticais referente ao internamento do filho.

Na verdade, desde 1 de Setembro que uma bala mudou completamente a rotina de uma família. Talvez por isso, no dia 1 de Setembro, Quito imaginou, mais uma vez, que voltava da escola sem passar pelo local onde as balas lhe amputaram os sonhos.



Publicidade

ALVEJA DO

A verdade em cada palavra.

Cerca de três milhões de pacientes poderão receber tratamento anti-retroviral até 2015 na África do Sul

O Conselho sul-africano de Combate ao SIDA, Sanac, espera que até 2015 cerca de três mil pacientes recebam tratamento anti-retroviral. Segundo a porta-voz deste organismo, Khopotso Bodibe, actualmente, no território sul-africano, cerca de 1.9 milhão de pacientes está a beneficiar daqueles medicamentos.

Texto: Milton Maluleque • Foto: IPS



Outra meta estipulada pela organização é de, até 2015, erradicar do país a transmissão do VIH da mãe para o filho durante o parto e na amamentação, bem como a redução da morte materna devido à SIDA.

Bodibe afirmou que o número de transmissões do vírus da mãe para o bebé decresceu de 8% para 2.7% no intervalo de 2008 a 2012 e que 99% das mães e crianças em risco de transmissão do VIH estavam actualmente a receber tratamento com os anti-retrovirais.

“As infecções pela tuberculose continuam um grande desafio”, disse a porta-voz, acrescentando que grande parte de doentes com o VIH se encontrava também a padecer do mesmo mal. A Sanac espera reduzir a

incidência de mortes devido à tuberculose em portadores do HIV em 50% em 2015.

A nova estratégia nacional para o combate ao VIH, tuberculose e as doenças sexualmente transmissíveis foi adoptada no encontro do Conselho Nacional de Combate à SIDA, Sanac, que foi dirigido pelo Vice-Presidente, Kgalema Motlanthe, em Secunda, Mpumalanga. Um tratamento anti-retroviral simplificado e que combina três fármacos num só foi recentemente lançado em Ga-Rankuwa, a norte de Pretória, mas no último domingo a porta-voz da Sanac, Khopotso Bodibe, garantiu que nem todos os doentes irão ter acesso ao novo tratamento.

“Os que estão actualmente em tratamento terão de continuar com a sua combinação de medicamentos, visto que sempre sobreviveram por causa do mesmo.

Somente depois de Julho do presente ano poderão obter o novo medicamento”, destacou.

Governo sul-africano poderá enviar mais tropas para a República Centro-Africana

O semanário Sunday Times reportou na sua edição do último fim-de-semana que o Presidente Jacob Zuma havia recebido um apelo para enviar tropas para a República Centro-Africana, pedido feito pelos seus pares da Comunidade Económica dos Estados da África Central (CEEAC), na cimeira que teve lugar no Chade.

Texto: Milton Maluleque

O jornal cita o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Clayton Monyela, a dizer que o Governo ponderava o aumento da sua presença militar naquele país. Os partidos da oposição apelaram ao Governo para que este submetesse o assunto ao Parlamento para análise.

O Mail & Guardian reportou em Março último que interesses comerciais do ANC, Congresso Nacional Africano, na República Centro-Africana haviam ditado o envio de cerca de 200 homens. Esta alegação foi desmentida pelo ANC e também pelo Governo.

O Movimento rebelde Seleka, integrante do actual Governo de Transição instaurado no país, viria a tomar Bangui e depor o Presidente François Bozizé. Os combates travados para a tomada da capital di-

taram a morte de 13 soldados sul-africanos.

Na última semana, Jacob Zuma comunicou ao Parlamento a extensão, por mais um ano, do mandato das forças sul-africanas presentes no Sudão e na República Democrática do Congo.

Dois mil soldados

Os líderes regionais, reunidos em mais uma cimeira em Ndjamená, Tchad, decidiram o aumento do contingente militar presente na República Centro-Africana para dois mil soldados com o mandato de restaurar a ordem, numa altura em que crescem relatos de violências levadas a cabo pelos militantes do Movimento Seleka contra a população.

Depois da cimeira do Chade, em comunicado, a Comunidade Económica dos Estados da África Central (CEEAC) defendeu que esta força iria apoiar o Governo de Transição na segurança e na reestruturação das forças armadas do país.

Entretanto, a informação nada diz acerca da data prevista para o envio das tropas, que irão quadruplicar as forças militares presentes no país, estimadas em 500 soldados provenientes do Gabão, e igual número proveniente dos Camarões, Congo Brazzaville e Chade.

A CEEAC defendeu ainda a necessidade de um apoio financeiro ao país que atravessa um período pós-golpe. “O Conselho de Transição instaurado não possui fundos para o seu funcionamento”, defendeu o Presidente anfitrião, Idriss Déby, tendo adiantado que os parceiros e aliados do país deveriam urgentemente contribuir financeiramente para o apoio das autoridades de transição.

Déby havia afirmado na última quinta-feira que a actual força de manutenção de paz presente no local era insuficiente para o cumprimento efectivo do seu mandato.

Entretanto, o Presidente interino da República Centro-Africana, o líder do movimento Seleka, Michel Djotodia, não se fez presente na cimeira. A sua ausência deveu-se à falta de fundos no país, que é rico em recursos minerais, com destaque para os diamantes, bens que não são transformados em riqueza.

“Nós tomámos recentemente o poder e as dificuldades são numerosas. Os cofres do Estado estão vazios. O Ministério das Finanças está ainda a tentar pagar os salários do mês passado aos funcionários públicos”, afirmou, de Bangui, o Presidente interino Michel Djotodia.

“Não temos nada. Os recursos tornam-se importantes quando são explorados”, acrescentou o novo homem forte de Bangui, tendo convidado os seus pares da África Central a lutarem pelo desenvolvimento da República Centro-Africana.

Um grupo de parceiros deste país irá reunir-se nos dias 2 e 3 de Maio próximo em Congo Brazzaville para procurar formas de prestar o seu apoio às autoridades de transição, segundo o comunicado assinado pelos líderes presentes na Cimeira de Ndjamená.

Publicidade

FORAGIDO

A verdade em cada palavra.

Mais uma menina violada na Índia

Uma menina de cinco anos foi brutalmente violada por um vizinho, em Nova Deli, Índia. A criança, que está hospitalizada, está a responder bem aos tratamentos e já se encontra estável, dizem os médicos. Mas a sua evolução clínica não impediu que pelo menos uma centena de manifestantes saísse à rua, a exigir mais protecção para as mulheres.

Texto: Redacção/Agências

Os protestos começaram na sexta-feira (19), depois de os pais terem denunciado que a Polícia estava “relutante” em registar a queixa do desaparecimento da menina e que até lhes tinham sido oferecidas duas mil rupias (cerca de 28,4 euros) para não o fazerem. Mais tarde, disseram-lhes para ficarem “contentes com o facto de que pelo menos tinha sido encontrada com vida”.

A resposta dos activistas pelos direitos das mulheres foi imediata: saíram à rua exigindo uma resposta política que acabou por chegar do Primeiro-Ministro, Manmohan Singh, que classificou o caso de “vergonhoso” e ordenou a suspensão do chefe da Polícia e de um outro agente, que tinha esbofetado uma manifestante, a fim de investigar as acusações dos pais.

A intervenção de Manmohan Singh – muito criticado pela forma como reagiu à violação fatal de uma estudante de 23 anos, em Dezembro – aconteceu no sábado (20). No passado domingo, voltou a falar: “O horrível ataque a uma menina há alguns dias lembra-nos mais uma vez a necessidade de trabalharmos em conjunto para acabar com este tipo de depravação na nossa sociedade”.

Mas os protestos continuaram e subiram de tom. Com um jornalista em Nova Deli a acompanhar o caso, a Al-Jazira relata que cerca de uma centena de manifestantes, muitos dos quais afectos ao principal partido da oposição, o Bharatiya Janata, se dirigiram para a residência de Sonia Gandhi, a presidente do Partido do Congresso, a força política no poder. Quando tentaram ultrapassar as barricadas da Polícia, 50 foram imediatamente detidos.

Os manifestantes exigem que o chefe da Polícia seja definitivamente afastado e que a acção das forças de segurança seja melhorada. “A Polícia e as outras autoridades que não fazem o seu trabalho e que, pelo contrário, têm uma conduta abusiva devem saber que serão punidos”, disse o director da Human Rights Watch para a Ásia do Sul, Meenakshi Ganguly, que a Al-Jazira cita.

Ainda no sábado passado, a Polícia deteve o suspeito de ter violado a menina de cinco anos. É um homem de 24 anos, recentemente casado, que foi capturado no estado de Bihar, no leste do país, onde moram os sogros, a quase mil quilómetros de Nova Deli. De volta à

capital da Índia, sob custódia, o suspeito foi já submetido a um primeiro interrogatório.

A menina foi encontrada na quarta-feira (17) no apartamento deste homem, em Nova Deli, no mesmo edifício em que mora com a família. Tinha desaparecido no domingo anterior. Sequestrada, foi mantida em cativeiro e torturada durante três dias. Foi encontrada depois por um outro vizinho, que a ouviu chorar e alertou os pais. Estava semiconsciente e à fome. A menina chegou ao hospital em estado considerado grave.

“Encontrámos uma garrafa de 200 milímetros e dois, três fragmentos de uma vela inseridos nas suas partes íntimas”, revelou mais tarde o superintendente clínico do Swami Dayanand Hospital, R.K. Bansal, segundo o The New York Times. “Esta é a primeira vez que vi tamanha barbaridade. Ela tem lesões nos lábios, nas bochechas, nos braços e na zona do ânus. O pescoço tinha hematomas que sugeriam que tinha sofrido tentativas para a estrangular.” A menina teve de ser submetida a uma cirurgia para a ajudar nos movimentos intestinais.

Sismo na China: “Já ninguém vai querer viver aqui”

Milhares de socorristas, militares, civis ou simples vizinhos estavam esta quarta-feira (24) a tratar dos milhares de feridos que sobreviveram ao poderoso sismo que fez mais de 200 mortos e desaparecidos, em Sichuan, no sudoeste da China.

Texto: Redacção/Agências

Mais de três dias depois do abalo com uma magnitude de 6,6 que destruiu mais de 10 mil habitações naquela região montanhosa e densamente povoada da China, os feridos continuam a chegar aos hospitais superlotados que estão já a tratar as pessoas em tendas montadas para a ocasião.

Quarta província mais povoada da China, com 80 milhões de habitantes, Sichuan vive de novo uma tragédia, ainda que de proporções bem mais pequenas do que a que viveu em Maio de 2008, quando um sismo de magnitude 7,9 provocou a morte de 87 mil pessoas.

Segundo o balanço oficial mais recente, o sismo fez 186 mortos, 21 desaparecidos e 11.300 feridos. As autoridades já fizeram saber que o número de vítimas não deverá aumentar significativamente. Bombeiros e outros socorristas, que trabalharam ao longo de toda a noite, utilizando radares e cães pisteiros, conseguiram retirar 91 pessoas com vida dos escombros, segundo o Ministério de Segurança Pública.

Um número que em nada ajuda a apaziguar a dor de Wu Yong, que se preparava no domingo (21) para enterrar o seu único filho.

“Eu vi o meu rapaz mas não consegui estender-lhe a mão para o salvar”, lamentou este aldeão de 42 anos, recordando ao jornalista da AFP os piores segundos da sua vida, quando a sua casa ruiu pela violência do sismo. O quarto do filho, de 15 anos, desapareceu por baixo dos escombros.

“Chamei por ele e ele ainda me respondeu duas vezes. Mas não o consegui salvar”, disse Wu Yong, desesperado. “Já ninguém vai querer viver aqui” resume outro homem, Yang, de 45 anos, em Lushan, uma das aldeias que está agora em ruínas. “É demasiado perigoso”.

Multimilionário é o novo Presidente do Paraguai

O empresário multimilionário Horacio Cartes foi eleito Presidente do Paraguai, ao derrotar o candidato liberal, Efraín Alegre, informaram as autoridades eleitorais no passado domingo (21).

Texto: Redacção/Agências

Horacio Cartes, do Partido Colorado, obteve 45,91 % dos votos, contra 36,84 % alcançados por Efraín Alegre do partido no poder, que já admitiu a derrota, disse, em conferência de imprensa, o presidente do Tribunal Superior de Justiça Eleitoral (TSJE), Alberto Ramírez Zambonini. Proprietário de mais de 20 empresas, começou a ser conhecido do grande público no cargo de presidente do clube de futebol Libertad, que entretanto garantiu numerosos títulos.

Durante a campanha, Efraín Alegre, de 50 anos, ex-ministro das Obras Públicas (2008-2011), acusou Cartes de ligações aos traficantes de droga e de arrivismo, pelo facto de o candidato do Partido Colorado apenas ter votado pela primeira vez em 2010.

De acordo com as autoridades eleitorais, três quartos dos cerca de 3,5 milhões de eleitores compareceram no escrutínio. Em

2008, foi a esquerda do antigo bispo católico Fernando Lugo que venceu as eleições presidenciais, ao formar uma coligação com o Partido Liberal, que posteriormente rompe com a aliança. Em Junho de 2012, sem maioria no Parlamento, Lugo foi destituído pela oposição de direita, numa manobra que qualificou de “golpe de Estado parlamentar”, e o seu vice-presidente, o liberal Federico Franco, assumiu a chefia do Estado.

Devido à lei eleitoral, Lugo estava impedido de se candidatar ao escrutínio presidencial e optou por concorrer a um lugar de senador.

Consciente das fracas possibilidades da esquerda no actual contexto, adiou as suas ambições para 2018, quando deverão ocorrer novas eleições para a presidência. Numerosos observadores internacionais foram enviados ao país, incluindo da União Europeia, do Mercosur (o Mercado comum do Cone sul e do qual

o Paraguai foi suspenso após o golpe de força contra Lugo), e a União de Nações Sul-Americanas (Unasur).

Para além da eleição do Presidente e vice-presidente, os paraguaios foram hoje convocados para eleger 45 senadores, 80 deputados, os governadores de 17 departamentos e os representantes do parlasur, a assembleia do Mercosur.

O dia eleitoral ficou assinalado pelo ataque a uma esquadrá da Polícia em Kurusu de Hierro, no departamento de Concepción (a cerca de 500 quilómetros da capital Assunção), atribuído pelas autoridades à guerrilha do Exército do Povo Paraguai (EPP), um pequeno grupo de extrema-esquerda.

De acordo com a Polícia, um dos atacantes foi morto e dois agentes ficaram feridos.

Publicidade

TRAGEDIA

A verdade em cada palavra.

Mundo

O atentado que deixou os “detectives” das redes sociais fora de controlo

Teorias da conspiração, falsos suspeitos e muita, mas muita, informação que não era verdadeira. Tudo ao alcance de um clique.

Texto: jornal Público/Los Angeles Times

Nos últimos dias, milhares de pessoas foram para a Internet fingir que eram o Sherlock Holmes. Com pouco mais do que imagens granuladas de câmaras de videovigilância, fotografias de telemóveis e tweets em directo das comunicações da Polícia, inundaram a Internet com pistas, provas, palpites e especulações sobre o que tinha acontecido em Boston e quem podia estar por detrás do ataque durante a maratona.

As explosões de segunda-feira, o primeiro ataque terrorista de larga escala em território americano na era dos smartphones e das redes sociais, ofereceram a todos os interessados uma oportunidade de se envolverem na investigação.

Segundos depois da primeira explosão, a Internet já estava a rebentar de ideias colectivas e reacções em massa. Só que este momento alto para as redes sociais rapidamente deu origem a uma espiral descontrolada. Legiões de detectives online lançaram suspeitas sobre pelo menos quatro pessoas inocentes, difundiram inúmeras pistas falsas e aumentaram o sentimento de pânico e paranóia.

“Este foi um dos momentos mais alarmantes do nosso tempo em termos de redes sociais”, disse Siva Vaidhyanathan, um professor de Estudo dos Media da Universidade da Virgínia. “Somos muito bons a difundir imagens e a incentivar amadores, mas somos muito maus no cumprimento das normas sociais que servem para proteger os inocentes”.

Pouco depois das explosões, os fóruns da Internet já estavam cheios de rumores de que tinham sido quatro bombas e não duas, de que uma biblioteca da região também tinha

sido alvo de ataque, de que o número de vítimas mortais ultrapassava uma dezena. Em fóruns como o Reddit e o 4chan abundavam as teorias – baseadas em pouca ou nenhuma prova concreta – de que os culpados eram fundamentalistas islâmicos ou então activistas de extrema-direita.

Numa corrida louca para ser o primeiro a identificar os perpetradores, cidadãos anónimos escondidos por detrás do seu nome de utilizador online começaram abertamente a nomear pessoas acusadas de terem colocado as bombas. Apanhados na onda, alguns media tradicionais publicaram essa informação.

Na quinta-feira, a capa do New York Post mostrava a fotografia de dois homens na maratona, sob o título “Os Homens do Saco”, implicando os dois como os principais suspeitos. Na verdade, não eram suspeitos de nada, e um deles, Salah Barhoun, foi depois identificado como um estudante do ensino secundário que não morava em Boston nem tinha nada a ver com as explosões. Depois de o FBI ter divulgado as fotografias dos verdadeiros suspeitos, as pessoas realmente perderam a noção. Estes investigadores domésticos pesquisaram a Internet à procura de caras que correspondessem à descrição oficial, e ilustraram o seu trabalho com desenhos, círculos e outras técnicas caseiras de CSI.

Os detectives amadores fixaram as atenções em Sunil Tripathi, um estudante da Universidade de Brown que estava desaparecido há um mês. Recorrendo a uma técnica de animação, fizeram uma decomposição de fotografias de Tripathi, assinalando as semelhanças entre o seu rosto e o de um dos suspeitos identificados pelo FBI.

Não importava que Tripathi não tivesse qualquer conexão aparente com as bombas da maratona. Isso ficou patente na sexta-feira, quando as autoridades revelaram a identidade dos dois suspeitos, dois irmãos imigrantes de origem tchetchena – Tamerlan e Dzhokhar Tsarnaev. “Sabíamos inequivocamente que nenhum dos indivíduos suspeitos de serem responsáveis pelas explosões na maratona de Boston podia ser o Sunil”, frisou a família Tripathi, em comunicado.

Os defensores das redes sociais e do crowd-sourcing louvam há muito o seu poder sem rival para rapidamente reunir e disseminar informação em situações de crise. Com dezenas de milhares de pessoas a assistir à maratona, a maior parte munida de smartphones, o simples volume de dados disponíveis para análise era demasiado tentador para ser ignorado. “As pessoas no momento querem participar.

Querem sentir que fazem parte do que está a acontecer”, explicou Nicco Mele, especialista em tecnologia e redes sociais da John F. Kennedy School of Government da Universidade de Harvard. Por isso, enquanto a Polícia de Boston estava ocupada com o tiroteio com os dois irmãos em Watertown, na madrugada de sexta-feira, dezenas de milhares de utilizadores da Internet resolveram sintonizar as comunicações da Polícia, publicando furiosamente as suas notas e ideias no Reddit e no Twitter.

“Julgo que chegámos a um novo patamar, em que a Internet finalmente ultrapassou completamente a informação da televisão por cabo”, escrevia um indivíduo identificado como PantsGrenades no Reddit. “De facto, pergunto-me se não estaremos,

inadvertidamente, a fazer o trabalho dos jornalistas por eles.”

Segundo Murray Jennex, um especialista em gestão de crises da Universidade de San Diego, o grande influxo de vozes online através das redes sociais pode ser extremamente positivo, porque potenciais testemunhas oculares estão agarradas a câmaras em quase todos os locais.

Mas, para além das fotografias que fornecem, as suas especulações e teorias não conduzem necessariamente a uma maior eficácia na resolução do caso. “Há demasiado ruído que é completamente insignificante”, diz Jennex. “

As pessoas vêem tendências e padrões onde não existem tendências e padrões”, nota. Outro problema com as redes sociais, prossegue, é que não há nenhuma forma de distinção entre uma fonte de informação credível e outra que não o é.

“As pessoas adoram especular e algumas pessoas adoram utilizar a Internet num exercício equivalente aos telefonemas falsos.” Os especialistas consideram que o impacto das redes sociais em situações de crise vai inevitavelmente aumentar.

“O instinto é satisfazer os nossos impulsos voyeuristas. É aí que a arrogância das multidões se manifesta”, observa Siva Vaidhyanathan. “Quando estamos sentados à secretária, a olhar para o ecrã de um computador, esquecemo-nos facilmente de que aquelas imagens e nomes remetem a pessoas bem reais”.

Publicidade

CAMISAS COM BOLSOS PARA SENHORES
Tamanhos S-XL
229⁰⁰ MT cada

CONJUNTOS DE BARBEAR PARA SENHORES
99⁰⁰ MT

CANECAS DE VIAGEM
54⁰⁰ MT cada

A PEP VENDE APENAS PRODUTOS NOVISSIMOS!

GARANTIA DE DEVOLUÇÃO DE DINHEIRO

CONJUNTOS DE CAMISA E GRAVATA PARA SENHORES
279⁰⁰ MT

FATOS DE TRABALHO PARA SENHORES
549⁰⁰ MT 28-40

CALÇAS DE GANCA PARA SENHORES
369⁰⁰ MT 28-40

SAPATOS RESISTENTES PARA SENHORES
749⁰⁰ MT Tamanhos 6-10

BOTAS RESISTENTES PARA SENHORES
849⁰⁰ MT Tamanhos 6-10

MALAS PARA O TRABALHO
99⁰⁰ MT cada

POUPANÇAS FANTÁSTICAS PARA UM DIA ★ ACTIVO ★
Começa a 26 de Abril de 2013

55112 moz | www.zoomadvertising.co.za

Temos todas as recargas sempre ao preço mais baixo!

PEP

Melhores preços e mais!

W43 MQZ 2013

Desporto

Basquetebol: Falta de calendarização atrasa início das competições

A temporada basquetebolista no país, segundo um comunicado oficial da Federação Moçambicana de Basquetebol (FMB), arranca geralmente no mês de Março com término previsto para Dezembro. No entanto, este organismo não tem nenhuma responsabilidade no que diz respeito à organização das competições, cabendo à Liga Moçambicana de Basquetebol (LMB) e as respectivas associações provinciais organizarem as provas.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

Contudo, o Campeonato Nacional de Basquetebol, em seniores, em ambos os sexos, organizado pela LMB, só pode ter lugar depois de encontrados os representantes provinciais, que, por sua vez, participam nas competições internas tuteladas pelas associações.

Neste encadeamento, se houver algum atraso na calendarização das competições, as culpas imputam-se às associações provinciais. E foi nesta lógica que o @Verdade desta semana visitou a Associação de Basquetebol da Cidade de Maputo de modo a perceber o que estará por detrás da demora no arranque da época 2013 do basquetebol moçambicano.

@Verdade – Porque é que até hoje ainda não arrancam as provas de basquetebol na categoria de seniores na cidade de Maputo?

Anastácio Monteiro – Depois do comunicado da Federação Moçambicana de Basquetebol (FMB) relativo à abertura da época desportiva 2013, a Associação de Basquetebol da Cidade de Maputo (ABCM) decidiu, nos princípios de Março, reunir-se com os clubes deste ponto do país para discutir como seria feito o nosso calendário.

Infelizmente, na referida reunião não compareceram os clubes Desportivo e Ferroviário de Maputo, que são os únicos com pavilhões, ou seja, de quem dependemos para realizar as provas de seniores. Portanto, mesmo sem a presença deles, nós decidimos de forma unânime que os campeonatos da cidade iriam começar a 29 de Março passado, antecédidos pela inscrição dos clubes.

Mas, para além daquele dia (29) ter coincido com a sexta-feira Santa, estes dois clubes avisaram-nos, dias depois da reunião, que o pavilhão do Desportivo estaria em obras e que no do Ferroviário só podia jogar a equipa da Universidade Pedagógica (UP) visto que entre eles existe um acordo de uso das instalações.

@V – Mas o Ferroviário de Maputo não vai disputar o campeonato da cidade?

AM – Obviamente que sim. Nós tentámos persuadi-los a cederem-nos o pavilhão, porém, para além de nos terem falado do acordo com a UP, soubemos, informalmente, que eles achavam injusto concederem uma infra-estrutura para depois pagar as mesmas taxas com os clubes que não tenham.

@V – Quais taxas?

AM – Existe uma taxa de arbitragem calculada em 3 500 meticais mensais. O Clube Ferroviário de Maputo entendeu que devia haver uma forma de compensação pelo uso do seu campo, cortando na taxa.

O mais estranho nisto é que o Ferroviário de Maputo não colocou esta questão de forma institucional para o devido tratamento por parte da ABCM. E porque não houve esta comunicação oficial, voltámos ao Desportivo de Maputo na esperança de ver as obras terminadas para arrancar com os campeonatos, porém, debalde. O processo só se arrastou.

@V – E a associação desistiu?

AM – Não. Nós existimos para promover a prática do basquetebol no país. De forma urgente solicitámos a intervenção da FMB que nessa altura estava a organizar o Afrobasket da zona VI, no pavilhão do Desportivo de Maputo.



@V – E qual foi a posição da federação?

AM – A federação marcou um encontro com associação solicitando a presença do Desportivo, do Ferroviário e da Liga Moçambicana de Basquetebol. Questionados sobre os motivos da não cedência do pavilhão, o representante do Ferroviário de Maputo, para além da questão de despesas da utilização do pavilhão e do pagamento das taxas, disse abertamente que não entregava por mera teimosia.

@V – Teimosia em relação a quê?

AM – Em relação aos outros clubes que não têm pavilhões de basquetebol. Explicou que a renitência servia de pressão para que os outros clubes pudessem preocupar-se em ter infra-estruturas do género, sobretudo o Maxaquene que tem uma, mas que não está disponível e a Universidade Politécnica que usa somente para treinos da sua equipa.

@V – E encontrou-se alguma solução?

AM – Depois de um intenso debate, concordámos que todos os clubes participantes nas competições iam participar nas despesas para a utilização dos dois pavilhões, como, por exemplo, o pagamento de funcionários, dos técnicos, da água e da luz. Os clubes disseram também que precisavam de 15 dias para ceder os campos, a partir do dia 13 do mês em curso.

@V – E no que diz respeito às taxas?

AM – Estamos ainda a articular com o Ferroviário de Maputo para encontrar uma saída. A verdade é que nós vamos atender a exigência daquele clube.

@V – Significa que teremos competições a partir da próxima semana?

AM – Com base no acordo com os clubes, é óbvio que sim. Teremos o arranque dos campeonatos seniores em ambos os sexos.

@V – Caso iniciem os campeonatos na próxima semana, como será feito o calendário olhando para o atraso e para os compromissos da selecção nacional?

AM – Estamos baralhados. Solicitámos à federação para que reprogramasse o calendário de modo a acomodar a brecha, ou seja, precisamos de uma nova época para o basquetebol moçambicano.

@V – E qual foi a resposta da federação?

AM – Tivemos a sorte de encontrar uma federação que já há muito queria alterar a temporada do basquetebol moçambicano por causa destes embaraços, passando de Março à Dezembro, para Março a Junho do outro ano.

@V – Significa então que, devido à alteração do calendário, não teremos neste ano o Campeonato Nacional de Basquetebol de seniores?

AM – Essa é uma questão da competência da FMB. Mas o que percebo

é que devem ser disputados os campeonatos locais que serão estes a qualificar as equipas para as provas nacionais. Se estamos atrasados até hoje, é óbvio que se atrase tudo.

@V – Os jogadores reclamam devido ao facto de ficarem muito tempo sem jogar. O que tem a dizer sobre este assunto?

AM – Eles têm toda a razão. É preciso ter a humildade suficiente para afirmar que andamos com problemas sérios na programação.

Nós abrimos a época em Março e passamos todo o mês a fazer as inscrições das equipas e dos atletas. As competições iniciam efectivamente em Abril com os torneios de abertura que, no entanto, não têm registado a participação daqueles atletas que se acham estrelas. É normal que eles digam isso mas também não podemos descuidar este importante detalhe, de que só temos jogadores quando chega a vez do campeonato da cidade.

@V – Quanto tempo um jogador de basquetebol fica sem competir oficialmente?

AM – O período de defeso dos basquetebolistas moçambicanos é de Janeiro a Março. Mas, devido a compromissos das selecções nacionais, temos registado paragens no decorrer das competições.

Ferroviário de Maputo cedeu o campo

Na sequência deste assunto, o @Verdade dirigiu-se ao Ferroviário de Maputo para junto daquele clube procurar entender o que estava por detrás da demora no arranque das competições do basquetebol a nível da cidade de Maputo. Contudo, uma fonte da direcção do clube envolvida neste processo, que solicitou o anonimato “por não ser a pessoa indicada”, revelou que “a partir da próxima semana o nosso pavilhão pode ser usado sem limitações. Já coordenámos com a ABCM para marcar os jogos. No entanto, solicitámos para que não fosse nesta semana pois os jogadores pediram dispensa para irem assistir ao Festival de Zouk”.

Caso do Desportivo de Maputo

Tentativas para ouvir a direcção daquele clube redundaram em fracasso. No entanto, o @Verdade apurou que o Grupo Desportivo de Maputo ficou sem a equipa de basquetebol sénior masculina. Aliás, grande parte dos jogadores daquele clube está de malas aviadas para o Soprotecção de Quelimane, facto que constitui de per si razão para aquele colosso ceder o seu pavilhão para ser utilizado somente em competições de âmbito africano.

Moçambola: Desportivo de Nacala agrava crise locomotiva

A contar para a quinta jornada do Moçambola, edição 2013, o estreante Desportivo de Nacala derrotou, no passado domingo (21), o Ferroviário de Maputo, por 1 a 0. Ainda naquele mesmo dia, a locomotiva de Nampula derrotou do Matchedje que culminou com a demissão de Alex Alves do comando técnico dos militares.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

A jogar em casa, o Desportivo de Nacala conquistou três precisos pontos diante do Ferroviário de Maputo, um colosso do futebol moçambicano. O golo surgiu volvidos nove minutos e teve a assinatura de Lamá, que se aproveitou de um erro defensivo para violar as redes contrárias.

A equipa locomotiva da capital do país fez tudo o que pôde, porém, não foi capaz de criar lances de perigo e que pudessem inverter a tristeza do técnico Victor Urbano. Aliás, foi com semblante de consternação que os jogadores do Ferroviário de Maputo recolheram aos balneários, findos os primeiros quarenta e cinco minutos do jogo.

Contudo, diga-se, em abono da verdade, que após o tento, Nacir Armando, antigo treinador do emblema locomotiva de Maputo, mandou a sua equipa recuar no terreno apostando somente nas saídas rápidas para o contra-ataque ainda que sem causar muito perigo. Notou-se, ainda no decurso da primeira parte, algum desespero do Ferroviário que não foi muito bem aproveitado pelos nacalenses que pensavam somente em defender.

Nos segundos quarenta e cinco minutos, a equipa visitante entrou audaciosa como que se tivesse estudado o adversário na primeira parte. Porém, não foi capaz de esgrimir argumentos suficientes para mudar o marcador, até porque a defensiva do Desportivo de Nacala não mostrava sinais de cedência, com um processo defensivo baseado no apoio dos intermediários aos centrais, com os extremos a desempenhar o papel de alas.

E foi com o Ferroviário de Maputo a tentar a todo o cus-



to violar a baliza adversária, diante de um Desportivo cada vez mais sólido na defensiva, que se chegou ao apito final do árbitro para felicidade dos adeptos da equipa da casa.

Matchedje perde e demite o treinador

Cinco jogos e nenhum ponto obtido é o rescaldo da performance do Clube de Desportos Matchedje de Maputo, volvidas cinco jornadas do campeonato. No domingo (21) a equipa militar voltou a averbar uma derrota, desta vez com o Ferroviário de Nampula, por 2 a 1, depois de estar a vencer por um golo.

Os militares exerceram total domínio na primeira parte e foram donos das melhores oportunidades de golo, sendo de destacar, volvidos três minutos, um remate de Eka, em que a bola passou ao lado da baliza locomotiva. Vinte minutos mais tarde, ou seja, ao minuto 23, o mesmo jogador voltou a ameaçar a defensiva contrária ao corresponder com um cabeceamento muito perigoso a um belo centro tirado pela esquerda do ataque.

Depois de tantas perdas, o minuto 25 foi de prémio ao esforço de Eka que acertou no alvo com um disparo, a meio da rua, sem dar hipóteses de defesa ao guarda-redes David. Todavia, estranhamente, após o golo, a equipa do Matchedje baixou bruscamente de ritmo, factor que permitiu que, a quatro minutos do intervalo, Belito restabelecesse a igualdade no marcador.

Na segunda parte, a equipa locomotiva entrou decidida a chegar a mais um golo tendo, volvidos 77 minutos,

por intermédio de Belito, virado o marcador para a tristeza da banda militar que parou de tocar as suas animadas melodias.

Alex Alves já não é treinador do Matchedje

Volvidas cinco jornadas sem conquistar qualquer ponto, o que remete o Matchedje ao fundo da tabela classificativa, o técnico brasileiro Alex Alves foi demitido do cargo de treinador principal daquela equipa. Aconteceu, desta maneira, a primeira chamada “chicotada psicológica” da presente edição do Moçambola.

Segundo fontes ligadas à direcção do clube, que solicitaram o anonimato, a decisão foi tomada por mútuo acordo, ainda que a iniciativa tenha partido da direcção do clube. Alex Alves, que no passado mês de Dezembro assinou um contrato válido por dois anos com os militares, auferia um salário mensal chorudo de 4 mil dólares norte-americanos pago pelo Tesouro moçambicano, através do Ministério da Defesa.

De forma interina, a equipa será orientada por Filipe Chisseque, sendo do conhecimento do @Verdade que o antigo treinador desta equipa e seleccionador nacional de Moçambique, Viktor Bondarenko, está a caminho da colectividade.

Quadro de resultados

5ª Jornada			
Clube de Chibuto	2	x	0 Têxtil de Púnguê
HCB de Songo	1	x	0 Fer. da Beira
Matchedje	1	x	2 Fer. Nampula
Desp. de Nacala	1	x	0 Fer. Maputo
Estrela Vermelha	1	x	0 Chingale de Tete
*Costa do Sol		x	Vilankulo FC
**Liga Muçulmana		x	Maxaquene

* Não decorreu por falta de comparência atempadamente anunciada do Vilankulo FC - ** Adiado

PRÓXIMA JORNADA - 6ª

Têxtil de Púnguê	x	Costa do Sol
Fer. da Beira	x	Clube de Chibuto
Fer. Nampula	x	HCB de Songo
Fer. de Maputo	x	Matchedje
Maxaquene	x	Desportivo de Nacala
Chingale de Tete	x	Liga Muçulmana
Vilankulo FC	x	Estrela Vermelha

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	Liga Muçulmana	4	4	0	0	11	2	8	12
2º	HCB de Songo	5	4	0	1	7	2	4	12
3º	Desp. Nacala	5	2	3	0	3	1	2	9
4º	Maxaquene	4	3	0	1	5	3	2	9
5º	Estrela Vermelha	5	2	1	2	5	5	0	7
6º	Chingale de Tete	5	2	1	2	4	4	0	7
7º	Fer. Nampula	5	2	1	2	4	5	-1	7
8º	Clube de Chibuto	5	2	1	2	6	8	-2	7
9º	Têxtil de Púnguê	5	2	1	2	4	6	-2	7
10º	Vilankulo FC	4	1	1	2	1	2	-1	4
11º	Costa do Sol	4	1	1	2	3	4	-1	4
12º	Fer. Maputo	5	1	1	3	2	4	-2	4
13º	Fer. Beira	5	1	1	3	3	6	-3	4
14º	Matchedje	5	0	0	5	2	8	-6	0

Judo: A vergonha brilhou no céu moçambicano

Decorreu na semana passada, em Maputo, o Campeonato Africano de Judo, evento que contou com a participação de um total de 27 países do continente. Moçambique teve um desempenho para esquecer, ocupando a 22ª posição na tabela classificativa geral, com apenas uma medalha de bronze conquistada.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze



Para quem definiu como principal objectivo da organização e da participação na maior prova de judo do continente africanomelhorar a 18ª posição alcançada no último campeonato que teve lugar em Marrocos, concretamente em Agadir, o 22º é, no mínimo, um lugar ridículo. Aliás, que se diga que o combinado nacional

teve tudo o que merecia de modo a orgulhar o país, incluindo o estágio pré-competitivo que teve muito recentemente em Portugal.

Os moçambicanos, representados por Énio Jesus, Neuso Sigaúque, Neil Mala, Bruno Luzia, Édson Madeira, Leopoldo Tanque, Davide Davide, Karen Ismael, Ana Madivate Ivans Chaúque e Nilton Munjovo, não foram sequer capazes de se fazer presentes nas três finais que haviam traçado como meta. Contentaram-se com um terceiro lugar que deu direito a uma medalha de bronze conquistada na disciplina Katas, pela dupla Davide Davide e Ivans Chaúque.

Por equipas os representantes de Moçambique esforçaram-se bastante para

derrotar os angolanos por 3 a 2, o mesmo resultado com que foram derrotados pelo Senegal na segunda eliminatória.

No capítulo individual, os nossos judocas não foram capazes de evitar uma eliminação precoce. Outros, mais audaciosos, ainda escaparam da derrota na primeira eliminatória, como é o caso de Marvin, que no segundo combate não conseguiu evitar que o argelino Zourdani o dominasse.

Feitas as contas, todo o ouro em solo pátrio foi abocanhado pela delegação da Tunísia que se sagrou a grande vencedora do Campeonato Africano de Judo, Maputo, edição 2013. O próximo certame terá lugar no Chade, em Abril do próximo ano, onde se espera mais e melhor dos moçambicanos.

Desporto

Campeonatos da Europa: “Hat-trick” de Van Persie rende 20.º título inglês ao United

A precisar apenas de uma vitória, em Old Trafford, frente ao Aston Villa, para festejar a conquista da Premier League, os “Red Devils” ligaram o turbo e despacharam o clube de Birmingham em meia hora, com um “hat-trick” de Robin van Persie.

Texto: Redacção/Agências • Foto: LUSA

O holandês, que marcou o primeiro golo aos 81 segundos, festejou o primeiro título em Inglaterra. Para Ferguson as contas são bem diferentes: em 27 épocas como treinador do Manchester United, o escocês ganhou 13 campeonatos.

Quando, a 6 de Novembro de 1986, Alex Ferguson chegou a Manchester, o United tinha sete títulos da Premier League e ia a longa distância do Liverpool, que já tinha conquistado 16. Menos de 27 anos depois, o cenário inverteu-se por completo. Sob o comando do carismático treinador escocês, os “Red Devils” venceram, em média, um campeonato de dois em dois anos, e já ultrapassaram o Liverpool (20 contra 18).

Com cinco jogos por disputar e 13 pontos de vantagem sobre o City, que na época passada roubou no último segundo do campeonato o título a Ferguson, apenas uma hecatombe tiraria ao United o 20.º troféu de campeão, mas os vencedores da Premier League 2012-13 já têm novo objectivo até o fim da época: bater um recorde de José Mourinho. Em 2004-05, na primeira época como treinador do Chelsea, o português ganhou o campeonato com 95 pontos. A marca alcançada pelo actual treinador do Real Madrid continua por bater, mas Alex Ferguson já admitiu que tem esse recorde no ponto de mira. Para isso, no entanto, o United terá de ganhar as quatro partidas que ainda vai disputar até ao fim da prova. A missão, porém, não será fácil: os próximos adversários são o Arsenal e o Chelsea.

Com Nani, Rio Ferdinand, Chicharito e Welbeck no banco, Ferguson atacou o Aston Villa com Wayne Rooney, Ryan Giggs, Valencia, Kagawa e Robin van Persie. Rooney, que fez a partida 400 com a camisola do Manchester United e jogou recuado no terreno, esteve em evidência, mas a grande figura da partida foi Van Persie. O holandês, que no início da temporada trocou o Arsenal pelo United para “ganhar títulos”, esteve imparável na primeira meia hora de jogo e arrumou com o aflito Aston Villa num abrir e fechar de olhos.

Com apenas 81 segundos, ainda poucos jogadores tinham tocado na bola, os festejos do título começaram: Rooney colocou a bola na pequena área e Van Persie, com classe, deixou um defesa para trás e fez o primeiro. Decidida a resolver rapidamente o assunto, a equipa de Manchester não baixou o ritmo e, aos 13 minutos, Van Persie marcou um dos melhores golos da época. Após uma fabulosa assistência de Rooney, da zona da linha do meio-campo, o holandês rematou de primeira de fora da área, com o pé esquerdo, e fez o 2-0.

O título estava definitivamente entregue ao United, mas Van



Persie ainda ia brilhar mais. Aos 33 minutos, foi a vez de Giggs (também conquistou o 13.º título) assistir o holandês, que completou o “hat-trick” e fez o xeque-mate ao Villa e ao City.

Benfica derrota Sporting

Em Portugal os encarnados de Lisboa deram um passo decisivo para o título na vitória sobre o Sporting (2-0).

O Benfica entrou com vontade de decidir o jogo o mais cedo possível e Luisão quase isolou Enzo Pérez no primeiro minuto – o argentino falhou o remate à entrada da área. O Sporting tremeu, ainda sem ter entrado verdadeiramente em jogo, mas reagiu da melhor maneira. Pressionou, fechou os espaços na defesa e saiu rápido para a frente, beneficiando das movimentações de Bruma. Depois de um cruzamento do luso-guineense que acabou nos punhos de Artur, foi Van Wolfswinkel quem teve a primeira oportunidade do jogo: ganhou na corrida a Garay, entrou na área e acertou no peito de Artur com Garay em cima dele. Pouco depois, Maxi Pereira e Capel envolveram-se na área, o espanhol caiu e Capela nada disse, tal como no lance do holandês. Polémico, com protestos, mas inconclusivo.

Bruma era o jogador da noite. Dominava a sua zona, não tinha medo de partir para os duelos individuais e apagava Melgarejo. A formação de ataque do Sporting pela direita era tão grande que nem quando Maxi Pereira estava fora os leões exploravam o flanco esquerdo. Sabia-se que o perigo vinha dali e Matic sentiu que era altura de dar um pequeno recado a Bruma: falta dura, junto ao meio-campo, como que deixando um aviso para ficar mais calmo.

A resposta encarnada fazia-se pelas acções de Salvio. O argentino transportava sozinho o jogo para a frente, em corridas desenfreadas que aproveitavam a deficiente transição defensiva do Sporting. Avisou uma vez, avisou duas. A terceira marcou: Cardozo lançou Gaitán na esquerda, o argentino cruzou, Lima falhou o desvio e foi Salvio a aparecer na área a rematar com o pé esquerdo. O jogo tinha 36 minutos.

O momento matou a sensação de superioridade leonina. A euforia que tinha vindo a crescer com o jogo entre os jogadores do Sporting teve um fim abrupto e foi nesse momento que a média de idades (22,8 anos) se fez sentir. O desnorte invadiu-lhes a alma e até ao intervalo pareceram encostados às cordas, vulneráveis a um qualquer soco que fizesse o 2-0 e deixasse a equipa KO. O segundo golo esteve para aparecer num canto, mas Luisão não soube aproveitar a oposição frágil de André Martins, um jogador que assumia uma posição nuclear na área e que mesmo antes do golo de Salvio já tinha ficado a ver Matic saltar.

Jesualdo Ferreira aproveitou o intervalo para reequilibrar a equipa. O descanso fez bem e mais uma vez os leões entraram com o golo na mente. Mas se no primeiro tempo foi a irreverência de Bruma a fazer a diferença, agora eram os cantos. Numa das ocasiões, Dier obrigou Artur a aplicar-se. Na resposta, o Benfica tentou impor-se precisamente da mesma forma – Rui Patrício chegou para as encomendas.

O Sporting precisava de mais e o treinador leonino decidiu soltar as amarras do meio-campo com Schars no lugar do lesionado Dier e Viola a render Capel. Dez minutos depois, foi a vez de Miguel Lopes sair lesionado (regressou Boulahrouz). O esforço para chegar ao empate foi derrubado pelo génio de Gaitán. Se a primeira assistência foi uma acção simples, a segunda culminou um momento de inspiração brilhante: o argentino dançou sobre André Martins e Rinaudo, tabelou com Salvio e ofereceu o 2-0 a Lima, que bateu Patrício com uma acrobacia.

A lógica do mais forte falou bem alto, o Benfica aproximou-se do título quando já só faltam quatro jornadas para o fim e o Sporting perdeu a oportunidade de se isolar no quinto lugar na primeira derrota de Bruno de Carvalho no banco de suplentes.

Barça perto do título espanhol

“É um dia muito feliz para todos”, explicou o treinador adjunto do Barcelona, Jordi Roura, depois de Éric Abidal cumprir pela primeira vez 90 minutos em campo desde que foi submetido a um transplante do fígado, no triunfo por 1-0 sobre o Levante UD, em Camp Nou. Este resultado permitiu aos líderes da Liga espanhola manterem uma vantagem de 13 pontos sobre o perseguidor mais próximo, o Real Madrid de José Mourinho, que venceu por 3-1 na recepção ao Real Betis Balompié. Quanto ao Clube Atlético de Madrid, este bateu fora o Sevilla FC, por 1-0, e colocou-se a 13 pontos de distância da quarta classificada Real Sociedad de Fútbol.

Juve com uma mão no scudetto

A Juventus deu mais um passo rumo à renovação do título da Série A, com uma grande penalidade de Arturo Vidal a ser suficiente para bater o AC Milan e manter uma vantagem de 11 pontos sobre o Napoli, que está no segundo lugar. O Nápoles venceu o Cagliari Calcio por 3-2, com um golo ao cair do pano. A Fiorentina também precisou de um golo nos últimos minutos para bater o Torino por 4-3 e continuar na corrida por uma vaga na UEFA Champions League, enquanto o Inter também venceu e desalojou a AS Roma do quinto lugar.

Márquez torna-se o mais jovem vencedor de MotoGP de sempre

No sábado (20) o jovem de 20 anos, Márquez, bateu o recorde do antigo bicampeão do mundo Freddie Spencer ao tornar-se no mais jovem piloto de sempre a conquistar a pole position da categoria rainha. No domingo (21) passou a ser o mais jovem vencedor de uma corrida de MotoGP de todos os tempos depois de levar a melhor sobre o companheiro de equipa na Repsol Honda Team, Dani Pedrosa. Apesar de estar agora empatado com Lorenzo na liderança do campeonato, Márquez está em primeiro por ser o mais recente vencedor do campeonato.

Quando as luzes se apagaram no novo Circuito das Américas, no arredores de Austin, Texas, Pedrosa foi quem saltou para a frente, enquanto Lorenzo “andou” para trás devido a uma má partida. Uma largada impressionante por parte de Stefan Bradl (LCR Honda MotoGP) levou o germânico ao segundo posto, mas depressa foi superado por Márquez, Lorenzo e Cal Crutchlow (Monster Tech 3 Yamaha).

Atrás de Pedrosa e pacientemente à espera da sua oportunidade, Márquez corajosamente foi por dentro na Curva 7 na sétima das 21 voltas da corrida. Pedrosa manteve-se colado ao companheiro de equipa, mas acabou por perder terreno devido a um erro, seis voltas mais tarde. Para gáudio da sua equipa, Márquez viu a bandeira de xadrez primeiro e com 1,5 segundos de vantagem, com Lorenzo à mesma distância de Pedrosa, em terceiro.

Sem ter testado na pista há um mês, Crutchlow ficou muito contente com o quarto lugar – isto depois de ter apostado num resultado nos seis primeiros para o fim-de-semana – enquanto Bradl e Rossi completaram a lista dos cinco primeiros, com o pluri-campeão do mundo a levar a melhor sobre Álvaro Bautista (GO&FUN Honda Gresini). Este acabaria ainda por ser batido por Andrea Dovizioso (Ducati Team), que progrediu até ao sétimo posto na última volta. O melhor americano foi Nicky Hayden, enquanto Andrea Iannone (Energy T.I. Pramac Racing) ficou logo atrás para fechar o Top 10.

Dilatando a liderança nas CRT, Aleix Espargaró (Power Electronics Aspar) terminou em 11.º, à frente de dois pilotos de protó-

tipos: o estreante inglês Bradley Smith (Tech 3), o americano Ben Spies (Ignite Pramac Racing) e do companheiro de equipa francês Randy de Puniet (Aspar). A PBM levou a cabo o melhor fim-de-semana até ao momento, com Yonny Hernandez a garantir o último ponto, em 15.º, enquanto Michael Laverty terminou a primeira corrida de MotoGP ao ser 16.º e com a moto construída pela própria equipa. A Avintia Blusens manteve a simetria ao ver os seus dois pilotos terminarem em 17.º e 18.º, com Hiroshi Aoyama a ultrapassar Hector Barberá, enquanto Claudio Corti (NGM Mobile Forward Racing), Bryan Staring (Gresini CRT) e o wild card Blake Young (Attack Performance Racing) fecharam a lista dos classificados.

Já para a Came IodaRacing Project foi uma tarde desapontante. Danilo Petrucci teve a sorte de se manter aos comandos da moto quando o companheiro de equipa Lucas Pesek caiu mesmo atrás de si; mas minutos depois o italiano desistiu nas boxes com problemas mecânicos. Colin Edwards também ficou de fora; o herói da casa foi o primeiro das três desistências.

Desporto

Taça CAF: Liga Muçulmana com um pé nos quartos-de-final

A contar para os oitavos-de-final da Taça CAF, conhecida também por Taça Nelson Mandela, a segunda maior competição africana a nível de clubes, a Liga Muçulmana de Maputo derrotou no domingo (21) o Wydad Casablanca de Marrocos por 2 a 0. Com este resultado, os moçambicanos partem em vantagem para o jogo da segunda “mão” marcado para o dia 05 de Maio próximo naquele país do Magreb.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

O prometido é devido. O treinador Litos Carvalha da Liga Muçulmana de Maputo fez valer a sua vontade de ver o jogo controlado do primeiro ao último minuto, ainda que tenha permitido algum equilíbrio a meio da segunda parte. Os muçulmanos entraram com a clássica disposição táctica de 4 – 4 – 3, que em termos práticos se transformou num 4 – 5 – 1 como é hábito naquela equipa, com Liberty e Momed Hagi a fazer a dupla de trincos, o malawiano Josephy a controlar o centro do meio-campo e Sonito a exercer funções de ponta-de-lança. Muandro pela esquerda e Josemar pela direita desempenharam o papel de extremos, homens responsáveis por levar a bola ao ataque pelas laterais.

Na zona traseira, a dupla de centrais foi composta por Chico e Zainadine Júnior, enquanto Cantoná e Miro serviram a equipa como laterais direito e esquerdo, respectivamente. Com a saída de Josephy, o “elo” pensante das jogadas ofensivas dos muçulmanos ao minuto 36, Litos chamou Muandro para jogar como médio-centro, puxando Hélder Pelembe para a anterior posição deste. A entrada de Imo para a mesma posição exercida por Muandro, ao minuto 55, demonstrou o quão Litos ainda tem graves lacunas neste posicionamento, até aqui confiado a um só jogador, Josephy.

Do lado contrário pouco ou nada se pode dizer, até porque os marroquinos não tiveram tempo para demonstrar o seu real valor em campo, ainda que tenham entrando com o também clássico 4 – 4 – 3, com o médio Bakre El Helali a “carregar” a equipa nas costas por vezes como médio-centro, variando para trinco e extremo direito dependendo das situações de jogo. Outro irrequieto que causou muitos problemas aos muçulmanos de Maputo foi Bobley Anderson, o maestro, que sempre que aparecia sozinho no centro do terreno gerava calafrios.

Contudo, diga-se, em abono da verdade, que os muçulmanos desmantelaram por completo a táctica montada pelo Wydad para este jogo.

O jogo

Foi, à semelhança do jogo da segunda “mão” contra o Lobi Stars da Nigéria, uma tarde histórica para a Liga Muçulmana. O pequeno campo da Matola C, com uma capacidade máxima de três mil espectadores, ficou pequeno para a moldura humana que se fez presente ao local, numa estimativa de 10 mil espectadores.

Para além do público que ficou de fora, houve quem preferiu assistir ao jogo de cima do muro de vedação do campo e das árvores na zona circunvizinha, ficando uma mensagem clara à direcção daquele clube de modo a verificar as condições do campo se quiser mesmo o apoio dos moçambicanos para as próximas vezes.

A partida começou com um susto para os muçulmanos, quando o central Zainadine Júnior dominou mal o passe de Cantoná, tendo o esférico sobrado para o homem mais adiantado do Wydad, Fabrice Ondama, que só não teve cabedal suficiente para bater Caio, uma vez que o mesmo Zainadine colocou o pé na bola como que a rectificar o erro. A resposta da Liga surgiu quatro minutos depois, ou seja, transcorrido o primeiro quarto de jogo, quando Sonito cabeceou a bola por cima da baliza



à guarda de Nadir Lamyaghri.

Com a circulação rápida da bola e um jogo flanqueado, sobretudo pela esquerda, os muçulmanos inauguraram o marcador ao minuto 21 quando, numa tentativa de saída vertical ao ataque do Wydad, Joseph Kawende recuperou a bola no meio campo e fez um rasgo a isolar Sonito, que fora da grande área atirou de rasteiro a contar. É importante referir que a bola foi desviada pela relva para o lado esquerdo da baliza sul, traindo o guarda-redes que se atirou para o lado direito.

Depois do golo, a Liga não abrandou o ritmo e ainda na primeira meia hora podia ter dilatado o marcador na sequência de um livre directo em que, depois de a bola embater na barreira, Liberty rematou por cima da baliza. O suspeito de costume, Fabrice Ondama, a responder afirmativamente ao excelente passe de Anderson, gerou mais um calafrio ao público presente quando a bola passou a poucos centímetros acima do travessão de Caio.

Ao minuto 36, o caso do jogo: o médio Josephy saiu lesionado e para o seu lugar foi chamado Hélder Pelembe. A partir daí, a Liga comportou-se como uma equipa sem ambição, ainda que sem perder a autoridade.

O jogo perdeu praticamente o interesse e o único lance digno de registo foi do minuto 38, quando Sonito se introduziu no meio de dois adversários para, com ajuda do seu porte físico, forçar um remate que passou ao lado da baliza.



Segunda parte de poucos acontecimentos

Tal como terminou a primeira, a Liga Muçulmana entrou na segunda parte inerte e sem ambição de dilatar o marcador, diante de um adversário que se mostrou confortado com a tangente, de modo a resolver em Casablaca, ou seja, em casa. Se por um lado a equipa moçambicana se ressentiu da ausência de um médio-centro com a saída do Josephy, para mais tarde e, em última instância, ser colocado o Imo naquela posição em substituição a Muandro, os marroquinos fizeram duas mexidas tirando o central Rabeh para dar lugar a um outro central, Atouchi, como também o trinco Lys pelo lateral direito Bakary Kone.

Nos segundos quarenta e cinco minutos contaram-se seis lances de perigo gerados pelos muçulmanos, nomeadamente o remate a meio da rua de Hélder Pelembe sem criar dificuldades ao guarda-redes Lamyaghri, o livre directo estudado com Mustafá a deixar o esférico para Miro que atirou uma bomba por cima da baliza no minuto 53, o cabeceamento de Sonito para as mãos do guarda-redes marroquino quatro minutos mais tarde, o centro de Hélder Pelembe após tirar um adversário pela frente com Josemar a surgir na grande área a rematar ao lado, a combinação espectacular de Josemar com Sonito, com este segundo a fazer um remate embrulhado e, por fim, o lance do golo onde, depois de cabecear para a defesa incompleta do guarda-redes, Miro bombeou a bola para o fundo das malhas no minuto 90.

Do lado do Wydad, o único lance digno de ralce foi aquele em que Fabrice, a nove minutos fim, cabeceou com força para a defesa em dois tempos de Caio. Na prossecução deste lance, com os muçulmanos a lançarem-se rapidamente ao ataque, Josemar foi parado com falta por Alioui Jamal, que viu a segunda cartolina amarela, passando os marroquinos a jogar com dez unidades.

A Verdade dos protagonistas

Litos Carvalha, treinador da Liga Muçulmana

Fizemos um grande jogo contra uma equipa muito difícil. Apesar do desgaste físico, das lesões de importantes jogadores como Josephy e Reginaldo, penso que estivemos bem e vimos isso em campo. Mas é preciso deixar claro que este resultado não significa nada para nós, visto que temos ainda noventa minutos por disputar na casa deles. Mas eu acredito nos meus jogadores, uns autênticos heróis, que no balneário mostram muita garra e vontade de fazer sempre o melhor.

Treinador do Wydad Casablanca

Nós temos porta-vozes para explicarem tudo o que aconteceu neste jogo. Falem com o árbitro, ele vai contar todo o filme.

“Construir salas de cinema em Moçambique pode ser um investimento arriscado”

Sem o hábito reiterado de assistir a filmes – por parte dos moçambicanos –, agravado pelo facto de todas as salas de cinema terem sido “vendidas” às igrejas, sem políticas específicas para o sector, neste momento, Moçambique é o país com menos condições para o desenvolvimento da sétima arte. Quem assim pensa é o realizador moçambicano Licínio Azevedo. Na conversa, o autor de Virgem Margarida esclarece outros aspectos sobre a criação. Acompanhe...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguzeu

Há várias formas de falar de uma realidade. Em jeito de recordação, pode reportar-nos sobre o tempo em que o seu sonho de ser realizador ganha alicerces?

Na verdade, eu nunca sonhei em ser realizador. Sempre quis ser jornalista. Por isso fiz um curso superior nesta área. Durante muitos anos, antes de vir a Moçambique, fui repórter no Brasil. Em Porto Alegre e São Paulo, trabalhei em jornais que faziam oposição à ditadura militar na época. Como jornalista, segui uma carreira agradável que me possibilitou percorrer toda a América Latina, a reportar as greves dos mineiros.

Acompanhei os golpes de Estado perpetrados por militares, na época da ditadura de Hugo Banzer, na Bolívia. Depois da independência local, fui professor de jornalismo em Guiné Bissau. Na altura era proibido nos países da América Latina publicar-se notícias sobre as independências africanas. No entanto, nós, como jornalistas, acompanhávamos a libertação das colónias portuguesas.

Como já conhecia toda a América Latina, entendi que devia conhecer os irmãos de África. A minha ideia inicial era cobrir a guerra em Angola, o que não consegui. Acabei por ir à Guiné Bissau, onde trabalhei como repórter e formei jornalistas. Acompanhei a primeira viagem de Luís Cabral pelo país depois da independência. Foi um trajeto lindíssimo, feito em todos os recantos do país. Fruto dessa experiência, escrevi O Diário da Libertação – um livro baseado em histórias de libertação e factos de guerra – publicado no Brasil.

Em 1977, o Ruy Guerra (um cineasta moçambicano que vivia no Brasil, na altura) veio a Moçambique, a fim de apoiar na criação do Instituto Nacional de Cinema. Ele convidou-me para que viesse trabalhar consigo.

Assim que cheguei, fui ao Planalto de Moeda recolher depoimentos sobre a guerra de libertação nacional recém-terminada. Do trabalho resultou a publicação do livro Relatos do Povo Armado – uma obra cuja tiragem alcançou mais de 30 mil exemplares – em que se baseou o filme O Tempo dos Leopardos.

Conheci Sol de Carvalho e Camilo de Sousa que, em 1978, era o responsável pelo trabalho ideológico da Frelimo, em Cabo Delgado. Ao mesmo tempo, sempre andei entre o jornalismo, a objectiva e a literatura. No Instituto Nacional de Cinema escrevi os primeiros guiões e textos para documentários paralelos às publicações Kuxa Kanema.

Mais tarde, como já tinha experiência cinematográfica, trabalhei no Instituto de Comunicação Social (ICS) no programa Canal Zero. Capacitei os colaboradores da Televisão de Moçambique. A minha transição do jornalismo para a literatura e para o cinema foi um processo natural, suave e sem traumas. Comecei a fazer cinema ao longo da década de 1980 no ICS.



Fiz o primeiro vídeo da música moçambicana, melancólico, interpretado por José Mucavel. Depois passei a fazer filmes experimentais e maiores.

Quais foram as dificuldades nessa época?

Não havia dificuldades porque o INC era o primeiro e o grande instituto do país. O cinema era algo essencial para o país, um factor de unidade nacional. Era um elemento de formação e educação, até porque não havia televisão na época. A diferença é que só se fazia um determinado tipo de filmes – algo dirigido.

Como é que o cinema e a fotografia eram encarados pelo povo?

Não acho que a fotografia tenha tido uma divulgação muito grande, mas o cinema tem muito poder na medida em que envolve as pessoas. Sempre houve uma relação entre o público e os filmes. Há tempos, os filmes chegavam a todo o país – o que já não acontece. Acho que só em Maputo havia 15 salas. Além disso havia o cinema móvel que circulava em todo o país. Era a primeira vez que as pessoas tinham a possibilidade de ver a sua própria imagem reflectida na tela. Por isso, os filmes tinham um grande acolhimento popular.

Agora, se calhar, com melhores condições, como é que se pode explorar esta experiência para alavancar a sétima arte no país?

Depois da degradação de infra-estruturas durante a guerra, agora, com todas as poucas salas disponíveis passadas para as igrejas, a situação actual é crítica. Eu acho que nós nunca mais teremos mais salas do que temos. Podemos ter mais duas ou três pequenas salas na cidade de Maputo, mas no resto do país o cinema saiu para nunca mais voltar. Ninguém fará um investimento grande na construção de salas de cinema, numa situação em que o público já não tem o hábito de ver filmes.

Vamos fazer uma experiência no Cinema 700, na cidade da Matola, exibindo a Virgem Margarida, mas acho que as pessoas já não têm o hábito de ir ao cinema. Sinto que o que está em voga, agora, como meio de difusão, já não são as salas de cinema, mas sim a televisão. Ou seja, ao contrário do resto do mundo, o meio de difusão de cinema em Moçambique não são as salas de cinema. Por exemplo, só o Brasil deve ter sete ou mil salas de cinema.

O filme Virgem Margarida já vendeu os direitos de distribuição na Suíça e na Áustria. Ele vai passar em várias salas do mundo. Agora, aqui, não há nada. Eu acho que abrir mais salas de cinema – que é algo muito oneroso – seria fazer um investimento sem retorno.

Ao lançar, em 2007, o filme “Hóspedes da Noite” estava a enviar uma série de mensagens. Como é que elas foram recebidas?

As condições daquele lugar, que se encontra num meio urbano, são más. Falta água e um sistema de saneamento. É difícil tirar as pessoas do Grande Hotel, porque

quando se tira uma, logo a seguir, vêm dez da aldeia querendo reocupar o espaço. Na verdade, trata-se de um lugar normal. Até certo grau, organizado, com tribunal comunitário, uma mesquita, uma igreja evangélica, um espaço de alfabetização. O que sucede é que há muito preconceito manifestado pelas pessoas que o vêem de fora.

Em Virgem Margarida, no final, as mulheres – sob a orientação da camarada Maria João – decidem ser livres. Mas, ao que tudo indica, o prevaricador, o camarada comandante Felisberto fica impune – o que deixa a impressão de que o filme está em aberto. Porque estruturou a história dessa maneira?

Sim, o fim do filme é aberto porque a verdadeira Virgem Margarida (na qual me inspirei para produzi-lo) morreu por outros motivos. Fiz uma ficção inspirada em entrevistas com prostitutas, realizadas com o objectivo de criar o ambiente. As personagens foram criadas com muita liberdade. Por isso, as pessoas não sabem se a Margarida se suicida ou não. Isso não se mostra.

Em parte, o filme simboliza a auto-libertação da mulher. Além do mais, não foi dito que o comandante está em liberdade porque, se eu fosse ele, vendo aquelas 700 mulheres na vila, fugia como um cão e nunca mais apareceria. Ou seja, se eu fosse um espectador, como diz a comandante Maria João, pensaria que ele passou para o lado do inimigo. Transformou-se num inimigo.

Mas é isso que me intriga. Deixar o filme sem uma conclusão clara.

Foi uma opção. Gosto de deixar a situação um pouco no ar para criar a possibilidade de o espectador terminá-lo como quiser.

Como é que o cinema africano, no âmbito da produção cultural, contribui para explicar e contextualizar (de si para si) o africano?

Isso é algo que começa no início da história do cinema moçambicano. Afinal, o objectivo central era documentar o moçambicano, reforçar a unidade nacional e mostrar ao povo quem eram os moçambicanos. Por isso, o moçambicano é uma pessoa que se reconhece no filme.

Porque é que duvida de que a Virgem Margarida possa ter, agora, um alto grau de difusão no país como aconteceu com O Tempo dos Leopardos?

Na época, O Tempo dos Leopardos foi o primeiro grande filme feito em Moçambique (com todos os meios, incluindo profissionais muito eficientes) e foi amplamente difundido nas salas de cinema que eram abundantes. Mais tarde a televisão promoveu-o. Portanto, penso que é o filme moçambicano mais visto até hoje. Foram utilizados actores muito conhecidos como, por exemplo, Ana Magaia e Salimo Muhamed. E é o único filme sobre a guerra anticolonial – com combates e tiroteios – que existe.

Há motivações ideológicas? Percebe-se que agora, ideologicamente, o filme não se enquadra no regime vigente...

São tempos diferentes e, por isso, as histórias também. Quando fizemos O Tempo dos Leopardos estávamos a promover histórias heróicas da guerra. Fazer um filme leva muito tempo. Por exemplo, mesmo a realização do O Grande Bazar – que é um filme pequeno – custou-me 15 anos, desde que o escrevi até conseguir financiamento para realizá-lo.

Considera que a sua preocupação, agora, é que o filme Virgem Margarida seja visto por mais pessoas. Como é que isso será feito aqui?

O filme já passou em 20 festivais de cinema em igual número de países. Foi exibido na Europa e na América do Norte. Nesta semana será mostrado, pela segunda vez, no Canadá.

Neste momento, está convidado a participar em mais 20 festivais de todo o mundo. Portanto, são dezenas de milhares de pessoas que irão ver a Virgem Margarida.

Mas aqui, em Moçambique, ainda temos algumas limitações. Mesmo assim o filme será exibido nas salas de Maputo e Matola. Eu teria um grande prazer se pudéssemos exibi-lo através do Cinema Arena da AMOCINE – que é um cinema móvel – em todas as cidades do país, não em ruas, nas salas. Ou seja, gostaria de levar o filme às salas de cinema antes de passar na televisão.

Fazemos um cinema de resistência

Moçambique é um país com uma herança relativamente grande, sob o ponto de vista de realizadores com carreira internacional. Como é que essa experiência está a ser capitalizada para se imprimir uma nova dinâmica no ramo?



Essa experiência é algo que existe em poucos lugares do mundo. Somos um grupo de cineastas da mesma geração. Começámos juntos no Instituto Nacional de Cinema. Muitas vezes trabalhámos juntos.

O facto de ter feito filmes bastante premiados nos festivais internacionais, num momento terrível como o presente, em que não há dinheiro, confere-me a possibilidade de conseguir algum financiamento. Acho que isso depende dessa experiência toda. Somos poucos realizadores no país. Por isso, em Moçambique nós fazemos um cinema de resistência, porque, contra tudo e todos nós, continuamos a fazer cinema.

Agora está a surgir um novo grupo de realizadores jovens que tiveram uma formação muito rápida. O problema é que, neste momento, esses realizadores não têm possibilidades. Não há financiamento para o cinema. Nesse país corre-se o risco de, no futuro, não se ter cineastas. Nós somos de uma geração extra, mais experiente, mas com uma certa idade. Podemos ter mais dez anos de trabalho pela frente. Mas se não houver uma produção cinematográfica

ca que funcione, se não se aprofundarem as experiências, dominar-se a linguagem da sétima arte, daqui a dez anos vamos ter problemas no ramo.

As pessoas da nossa geração – muitas das quais nascidas nos finais de 1980/90 – ao verem a Virgem Margarida ficaram com uma dúvida: será que os Centros de Reeducação existiram de verdade?

O que não existiu foi a situação que é colocada no filme – a união entre as militares e as prostitutas para se libertarem. As próprias militares eram prisioneiras. A comandante Maria João, por exemplo, ia casar. Entretanto, antes disso, recebeu uma missão que lhe valeu perder o noivo. Ela não podia abandonar a missão. Por isso, os Centros de Reeducação não acabaram dessa forma. Houve uma decisão do Governo nesse sentido.

Está feliz com a recepção do filme no país? Qual tem sido o feedback?

Tudo funcionou como eu previa, da mesma maneira que aconteceu lá fora. No cinema, o mais importante não é a técnica empregue. O que me interessa é que a história seja bem concebida.

Quando as pessoas se lembram de um filme que viram há 20/30 anos não falam da fotografia. Recordam-se da história. A história funciona muito bem porque, a partir dela, as pessoas se emocionam. Aqui e noutras partes do mundo eu vi espectadores a chorarem. As histórias são universais, por isso, tocam as pessoas.

Qual é o passo a seguir agora?

É continuar a trabalhar em programas de documentários. Concorrer a financiamentos. Mas está difícil. Quero realizar um documentário sobre os piratas no Índico. Estou há dois anos sem financiamento. Histórias, para produzir filmes, não faltam. Tenho um arquivo enorme. Encontro-as através da leitura de jornais.

Na estreia da Primeira Semana do Cinema Africano de Maputo fez-se a apresentação da Carta de Ouagadougou. Qual é o grau de adesão dos governos africanos em termos de apoio ao cinema?

Não sei. Aqui, em Moçambique, a situação é bem diferente do que acontece noutros países. Na África do Sul, por exemplo – talvez por ser uma potência económica – há muito apoio ao cinema. Por exemplo, parece que o orçamento da SABC é três ou quatro vezes maior que o da TVM.

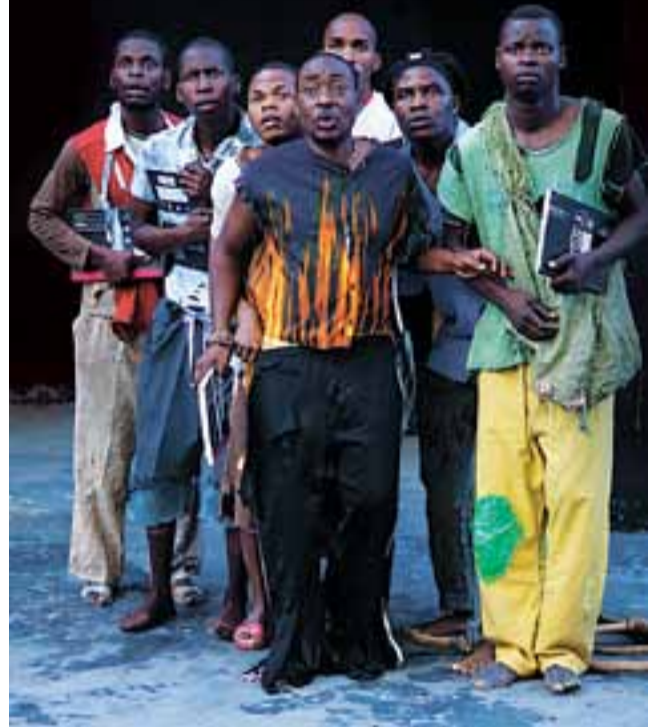
Em muitos países africanos, sobretudo os francófonos, há políticas efectivas de apoio ao cinema. Aqui já houve, mas agora a situação piorou bastante.

Existe alguma adesão, mas aqui ainda não há reflexo disso. O que nós reivindicamos – através da AMOCINE – é a regulamentação do cinema. Ainda bem que o Instituto de Cinema, que antes era um cadáver, já está reabilitado. Mas ainda não temos políticas para o cinema. E as políticas, nesse sector, significam formação e financiamento para o filme. Nem uma coisa nem outra existe.

Há Sete Irmãos na Casa Velha

O Teatro Mapiko da Casa Velha, na cidade de Maputo, acolhe, a partir deste fim-de-semana, a exibição da peça teatral Sete Irmãos.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo



De acordo com os produtores do evento, a peça Sete Irmãos será apresentada, em estreia, amanhã, sábado, 27 de Abril, a partir das 18 horas no Teatro Mapiko da Casa Velha.

Sete Irmãos é uma adaptação do romance com o mesmo título do escritor irlandês, Alksis Kivi, considerado pai da literatura moderna da Irlanda. A contracenar encontram-se sete irmãos órfãos que procuram abandonar a pressão imposta por uma série de transformações sociais.

Na cena, as suas obrigações e expectativas – impostas e influenciadas pelas mudanças sociais – em relação ao futuro ameaçam o seu bem-estar. Por essa razão, os irmãos decidem abandonar a vila onde vivem em busca de liberdade num bosque.

A encenação da peça está a cargo de Lauri Jäntti, uma das mais reconhecidas encenadoras finlandesas. Laura Murtomaa e Micas Silambo dedicam-se a aspectos relacionados com a música.

A exibição da peça enquadra-se no âmbito das actividades de formação dos estudantes de teatro da Escola de Comunicação e Arte, da Universidade Eduardo Mondlane. Por essa razão, o elenco do espectáculo é composto por estudantes finalistas do referido curso. Trata-se de Horácio Guiamba, Arménio Matavele, Félix Tinga, Absalão Narduela, Cuanja Zawares, Márcia Zime, Orlando Cossa, Pedro Massango, Momade Rodriquês, Hélder Sive e Emerson Mapanga.

Sete Irmãos é uma peça rica em termos de peripécias e aventuras. Na obra explora-se, essencialmente, uma comunicação baseada na expressão física com recurso à dança e à música.

As exposições abertas ao público serão realizadas aos sábados e domingos, às 18 horas, no Teatro Mapiko, até ao dia 19 de Maio.

Nico canta e encanta (macuas) em Nampula

Germane Nicotólaca, ou Nico como é tratado na arena musical, na província de Nampula, não sabe quando começou a trabalhar no sector da cultura. Mas, desde a infância, canta com os amigos. O facto de pertencer a uma família de amantes e fazedores de arte impulsionou a sua relação com a música.

Texto & Foto: **Redacção/Sebastião Paulino**

De 24 anos de idade, natural de Nampula, Nico começou a ganhar visibilidade na carreira artística quando estudava na Escola Primária de Napipine. Num grupo teatral local, além de ser actor orientava as actividades da dança tradicional Makwaela. As actuações eram realizadas em ocasiões festivas da província.

Quando passou a frequentar a Escola Secundária de Napipine, criou um conjunto de dança que fez muito sucesso, sobretudo nos eventos culturais realizados pelos estudantes da Universidade Católica de Moçambique. A partir do seu grupo cultural, Nico entendeu que podia cantar e, assim, fê-lo.

A par dos seus amigos, Nico ensaiava todos os fins-de-semana a fim de realizar bons concertos. No entanto, devido à dificuldade de associar as actividades do teatro à música – já que a sua base inicial foram as artes dramáticas – o artista preferiu dedicar-se apenas à música. Em 2007, gravou a sua primeira canção num estúdio local em Nampula.

Na referida obra, intitulada Emuali, ou Moça, o cantor descreve as turbulências vividas pela rapariga na transição da adolescência, a puberdade, para a fase adulta. O objectivo era relançar a visibilidade da música local na província, sobretudo nas discotecas.

Aliás, trata-se de uma evolução que, nos últimos tempos, se verifica a partir do maior envolvimento da juventude na produção musical, em Nampula. Com a acção artístico-musical dos novos talentos já é possível realizar eventos culturais, apenas com o envolvimento de cantores.

De acordo com Nico, a sua primeira música foi favoravelmente criticada – e é isso o que o estimula a trabalhar mais no ramo. A partir de 2008, o cantor aprende a tocar guitarra e bateria na Casa Provincial de Cultura. Para si, a formação constituiu uma mais-valia na sua carreira.

Mais adiante, produziu uma série de composições musicais – o que lhe va-



leu um convite da parte da Bio-Estúdio para gravar o seu primeiro trabalho discográfico. No entanto, devido a complicações burocráticas, registadas durante a negociação para o efeito, o projecto não foi bem-sucedido.

Deviam ter sido registadas oito músicas, algumas das quais na posse da Bio, e quatro videoclipes, no âmbito da referida iniciativa, cujas imagens seriam captadas em Maputo.

Se se perguntar ao cantor Nico qual é a sua característica, em termos de ritmos, da sua produção, não se obtém uma resposta axiomática. Nesse aspecto, o cantor é disperso. É como diz: “Sou influenciado pelo mercado. Por isso, não me identifico com um ritmo musical específico. Por exemplo, já fiz Kizomba, House Music, Passada, Música Tradicional, entre outros estilos que o povo aprecia”.

Um aspecto peculiar, e mais importante, é que “quando canto, sinto que mexo o coração dos apreciadores da minha música, os meus admiradores. Isso não só se deve ao ritmo, mas, acima de tudo, à mensagem didáctica contida nas composições”, afirma.

Presentemente, Nico está a trabalhar para se afirmar num determinado ritmo que lhe possa conferir alguma identidade, como cantor moçambicano. Desse esforço, a música Saquina – uma espécie de Pandza, publicada recentemente – é um exemplo.

Reconhece que, nos últimos anos, o género de música Pandza tem sido alvo de uma crítica negativa na sociedade. Mas é nele que quer apostar para atrair mais admiradores, expandindo-o pelos lugares mais recônditos de Nampula.

Refira-se que nas suas músicas, Nico relata aspectos relacionados com alguns temas sociais como, por exemplo, a luta contra a violência doméstica, o abuso sexual de menores, incluindo os casamentos precoces. Cantar sobre esses assuntos é, para si, uma forma de tocar os corações do povo macua.

“Com estas músicas não procuro satisfazer objectivos egoístas, mas quero informar os nampulenses sobre o mal que está contido na violência doméstica, nos casamentos prematuros, bem como no abandono de menores de idade pelos pais na estrutura da família e, por extensão, na sociedade”.

Constrangimentos

A inexistência de uma editora na província de Nampula, e a sua escassez cada vez mais acentuada no país está, segundo Nico, a constrianger a vida dos cantores, inviabilizando, a vários níveis, a sua actividade.

Em resultado disso, apesar de ter cerca de 20 músicas compostas, Nico não tem onde (nem como) editá-las e publicar um álbum em Nampula. A situação inquieta muitos músicos da sua província. É por essa razão, aliás, que os mesmos optam por lançar as suas músicas uma por uma.

A inexistência de mecanismos válidos e funcionais para combater a pirataria musical é outro problema que dificulta a actividade dos músicos que se sentem prejudicados. “Enquanto as lojas venderem *markets* – “discos virgens” – a um preço muito baixo, não será possível acabar com a pirataria”, refere.

Espectáculos

Contrariamente a outros músicos de Nampula, Nico tem tido a oportunidade de realizar concertos em quase toda a região norte do país. Ele diz que não aceita convites para espectáculos cujo cachê seja inferior a sete mil meticais. No ano passado, por exemplo, o artista assinou um contrato com as empresas Moçambique Celular e Vodacom Moçambique para realizar uma digressão pelas províncias de Cabo delgado, Nampula e Niassa.

Como resultado do trabalho feito, em 2012, o cantor acumulou dinheiro suficiente para vir à cidade de Maputo – onde teve um encontro com CA, um produtor local – a fim de gravar cinco das oito músicas do seu futuro álbum.

Neste momento, o artista trabalha para publicar – até finais de 2013 – o seu primeiro disco de originais.

Publicidade

Quem quer tako vai ao BCI.

O Cartão de Crédito de todos os moçambicanos tem uma nova imagem.

Adira já ao Cartão tako e ganhe a oferta da primeira anuidade*. Saiba como numa Agência perto de si e ande sempre com tako no bolso.

BCI É daqui.

*Oferta válida para Clientes com directiva de crédito em período, na aderência ao primeiro Cartão de Crédito.

VERDADE

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

☎ SMS: 90440

📱 WhatsApp: 84 399 8634

📘 /JornalVerdade

✉ Email: averdademz@gmail.com

🌐 @Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.

**GOLO.
A AGÊNCIA COM MAIS
FÃS NO FACEBOOK.**



Gostamos de ser a Agência em Moçambique com mais polegares levantados na maior rede social do mundo. Gostamos de ter a página mais visitada na categoria Media e a 4ª maior página de Moçambique.* Gostamos de ser a Agência do pensamento local, a mais premiada em Moçambique e reconhecida nas redes sociais. Gostamos de criar campanhas para os nossos clientes e de partilhar com todos essas campanhas. Gostamos de celebrar, fazendo aquilo que mais gostamos: um anúncio. Acima de tudo, gostamos do que fazemos. E é bom saber que há mais 50 000 pessoas a gostar. O nosso enorme obrigado a todos os fãs.

*De acuerdo con el sitio Social Bakers.

GOLO

Think local

www.golo.co.mz

VCE

Ideias Iluminadas merecem sério investimento

REAJA AGORA COM REACT!

Solicite o financiamento para a sua proposta de negócio em energia renovável, soluções para adaptação às mudanças climáticas e serviços financeiros

Inscrições encerram-se no dia

18 de Maio 2013

Visite: www.aecfafrica.org/react

Para obter mais informações e inscrever-se



AECF
Financiando a Inovação
Empresarial em África



Apoiado por  Reino dos Países Baixos

KPMG

A Gestão dos Fundos do AECF é feita pela KPMG IDAS

Publicidade

HORÓSCOPO - Previsão de 26.04 a 02.05



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Sentimental; Um clima de suspeita poderá criar situações de ciúme; não se deixe arrastar pelas suas dúvidas, não há nada melhor que um diálogo aberto sobre as suas dúvidas; a situação deverá ficar esclarecida e o seu espírito sossegado.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Sentimental; O aspeto sentimental deverá merecer uma atenção, muito especial. Não descarregue sobre o seu par as suas frustrações; antes pelo contrário, aproxime-se e receba a sua ajuda que será uma ótima terapia para encarar este momento menos bom.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Sentimental; Neste aspeto poderá verificar-se uma grande alteração; Alguém que não vê há muito, poderá passar a ter, aos seus olhos, uma importância muito especial. No seu íntimo, sentirá alguma solidão proveniente de uma grande insatisfação nas suas relações amorosas.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Sentimental; Este poderá ser o "abrigo" que tanto necessita. Aproxime-se do seu par, abra o seu coração e verificará que tem uma companheira que o ama e aprecia; naturalmente, as suas energias serão reforçadas se o aspeto sentimental lhe for favorável.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Sentimental; O ambiente sentimental sofrerá com as pressões da semana. Tente ser um pouco mais calmo e olhe para o seu par como alguém que o poderá ajudar, desde que não se feche dentro dos seus problemas.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Sentimental; Seja realista e positivo no seu relacionamento amoroso. Dúvidas infundadas poderão criar-lhe situações de grande incómodo e de resultados imprevisíveis. Não se remeta ao silêncio e, através do diálogo, tudo se esclarecerá.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Sentimental; Esta será uma semana em que todos os aspetos de ordem sentimental terão uma carga emocional, muito forte. O entendimento do casal será grande e os resultados serão muito agradáveis. Para os que não têm par, este período poderá ser marcante com o início de uma nova relação.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Sentimental; Alguma instabilidade e falta de autoconfiança poderão criar-lhe situações muito delicadas. Tente ser realista e não faça especulações; por se tratarem de especulações, poderão, não condizer, em nada, com a realidade.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Sentimental; Sentirá alguma nostalgia de uma relação já terminada deverá fazer todos os esforços para esquecer. Uma boa terapia será sair e divertir-se, um pouco. Nunca se sabe o que poderá acontecer.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Sentimental; Período em que poderá conhecer alguém que se tornará muito importante na sua vida. Uma antiga relação poderá criar-lhe alguns problemas.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Sentimental; Será um período bom para novos relacionamentos. Se já tiver companhia, aproveite bem a semana. Os que não têm par poderão conhecer alguém muito especial.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Sentimental; A sua relação amorosa está a atravessar um bom momento, a semana será agradável e muito romântica. O diálogo deverá ser o elo de ligação do casal. Um jantar íntimo, uma flor e uma vela poderão operar maravilhas.

RIR É SAÚDE



Perguntaram a um pândego se ele gostava de mulheres intelectuais:

– Sim – respondeu – eu gosto duma mulher com uma boa cabeça... pousada nos meus ombros...

– Você diz-me que a bebedeira me dá melhor aparência, mas eu não estou bêbada!
– Eu sei. Eu é que estou.

– Contaram-me que o nosso amigo Bambo foi atropelado por um Toyota Land Cruiser Prado...
– Exagero. Foi por um Toyota Corolla.

Uma senhora entra no elevador de um edifício onde existem lojas e escritórios e pergunta ao ascensorista:
– Não te cansa andar sempre no elevador?
– Sim, minha senhora.
– É subir que te cansa mais?
– Não, minha senhora.
– Ah, é descer?
– Não, minha senhora.

– São as paragens?
– Não, minha senhora.
– Então, que é que te cansa?
– Na verdade, o que me cansa mais são as perguntas que as fregueses me fazem!

Um cirurgião de renome foi um dia chamado por um novo-rico por causa de um ferimento muito insignificante.
Embora irritado pela futilidade da chamada, o médico não o demonstrou.
Assumiu um ar muito grave e ordenou ao criado que fosse a correr à sua casa buscar um remédio que considerava absolutamente indispensável.

O "doente", espantado pela pressa e pelos modos do médico, nervoso, perguntou-lhe se havia a temer alguma complicação.
– Sim – respondeu o cirurgião. – Se o empregado não chegar muito depressa, há perigo de...
– De quê? De quê, doutor?
– De que o ferimento desapareça...

Cartoon



(c) Fernando Rebouças


ACONTECEU

A verdade em cada palavra.


Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

 SMS: 90440

 WhatsApp: 84 399 8634

 /JornalVerdade

 Email: averdademz@gmail.com

 @Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.